

CONTOS
DO
CONEGO SCHMID



LIVRARIA GARNIER
RIO-DE-JANEIRO



ORIGENES LESSA

Tombo N.º 30969

CONTOS

DO

CONEGO C. SCHMID



DEOS

Um menino muito piedoso vivia junto de um idolatra, a quem muitas vezes dizia :

— Não ha senão um só Deos poderoso, que creou o céo e a terra ; é elle que faz brilhar o sol e cahir a chuva ; conhece todas as nossas acções e todos os nossos pensamentos, e presta ouvidos ás nossas supplicas. Só elle tem o poder de nos punir e de nos recompensar, de nos salvar e de nos perder. Os idolos que vós adorais são feitos de barro, não têm a faculdade

de ver e de ouvir, e por esse motivo não podem fazer nem bem nem mal algum.

O idolatra, porém, se conservava surdo a essas verdades.

Um dia elle sahio para o campo. O menino aproveitou-se d'esta ausencia para quebrar todos os seus idolos, exceptuando o maior, em cujas mãos depôz um grosso e nodoso cajado.

Quando voltou o pagão, ardendo em colera, bradou enfurecido :

— Quem foi o autor de uma acção tão infame?

— Como ! lhe disse o menino, não acreditais que o vosso idolo maior tenha quebrado por suas mãos os outros, que são muito menores do que elle?

— Não, lhe replicou o pagão encolerisado, não o creio, porque nunca vi elle fazer um unico movimento. Foste tu, invejoso, que quebraste os meus deoses, e com este cajado vou punir a tua perversidade.

— Acalmai-vos, atalhou o moço com doçura ; se não concedeis ao vosso idolo o

poder de fazer aquillo que eu, sendo uma simples criança, acabo de fazer, como poderá elle ser tão poderoso que tenha creado o céu e a terra?

O pagão emmudeceu a estas palavras; reflectio um instante, e por ultimo quebrou o idolo que lhe restava, e, prostrando-se pcr terra, adorou pela primeira vez ao verdadeiro Deos.

Feliz aquelle que, em Deos
Tendo fé sincera e pura,
Póde crer que n'esta vida
Elle é pai da creatura.

II

O BOM PAI

Negocios importantes retinirão um bom pai de familia na cidade; sua esposa e seus filhinhos vivião longe d'elle em uma casinha de campo. Um dia elle enviou aos meninos uma grande caixa cheia de lindos brinquedos, acompanhados de uma carta, que assim dizia: « Meus queridos filhinhos. sêde sempre bons e piedosos, que

eu vos prometto virdes para a minha companhia. Alegrai-vos, porque ainda conservo muitos brinquedos preciosos na casa que preparei para vós ».

— Quanto é bom o nosso papai ! dizem os meninos. Quanta alegria dá elle aos nossos corações ! Nós tambem o amamos muito, e, embora não o possamos ver e pouco nos lembremos do seu rosto, faremos tudo que elle nos diz na sua carta, para lhe darmos assim uma viva satisfação. Oh ! que prazer teremos de ver ainda uma vez o nosso papai !

— Queridos filhinhos, lhes disse sua mãe, o bom Deus faz com os homens o mesmo que vosso excellente pai faz com vosco. Nós não o vemos, é verdade, porém recebemos d'elle mil beneficios preciosos. Por esse motivo conhecemos o seu amor : o sol, a lua, a estrellas, as flores, os fructos e todas a producções da terra são d'elle. A Escriptura Santa é uma carta pela qual nos manifesta a sua vontade e promette receber-nos um dia no céu ; é alli

que nos esperão ainda dons mais magníficos e prazeres mais puros do que aquelles que gozamos na terra. Amemos o Creador com toda a effusão do nosso coração, meus filhos, façamos sempre a sua vontade, e nutramos a doce esperança de sermos para sempre admittidos no céo, onde o veremos de perto, e onde nossa alegria será inexplicavel.

Se quizermos n'este mundo
Obter a felicidade,
Entreguemos nosso amor
Ao puro Deos de bondade.

III

o IRMÃO E A IRMÃ

Diogo e Anna se achavão sózinhos em casa. O primeiro disse á irmã :

— Vem comigo, Anna, vamos procurar alguma comida e nos regalar com ella.

— Se puderes me levar a um lugar em que ninguem nos veja, não duvidarei em te acompanhar, respondeu Anna.

— Muito bem ! disse Diogo, iremos ao

quartinho onde está o leite, e ahí poderemos comer o doce de creme.

— Não, respondeu a irmã: alli está um homem rachando madeira na rua, que infallivelmente nos havia de ver.

— N'esse caso, disse Diogo, acompanha-me até á cozinha; tiraremos o mel do armario e faremos um manjar.

Anna replicou ainda:

— Tu bem sabes que a vizinha trabalha assentada junto da janella, e nos veria com a maior facilidade.

— Vamos então comer maçãs no subterraneo, replicou o pequeno glotão; alli é tão escuro que ninguem poderia nos decobrir.

— Oh! meu irmão, disse Anna, supões realmente que ninguem poderia nos ver? Não conheces um olho que penetra atravez dos muros até mesmo na obscuridade?

Diogo, ferido d'essa observação, corou e disse á irmã:

— Tens razão, Deos está presente em todas as partes, e nunca lhe poderíamos

escapar. Eu já não quero fazer mais o que te propunha ainda agora.

Anna alegrou-se de ver que o irmão acolhia no coração as suas palavras, e lhe fez presente de uma bella estampa, onde se via, entre outras cousas, o olho de Deos cercado de raios, e em baixo estas palavras :

Possa o teu olho divino
Me infundir santo temor,
Me afastando do peccado,
O meu Deos ! meu puro amor !

IV

○ BOM TEMPO

— Oh ! quem dera que o sol pudesse brilhar continuamente ! exclamou Frederica um dia em que a chuva cahia do céu em torrentes.

Deos a satisfez.

Durante mezes inteiras nem sequer uma navemzinha se via no horizonte. Uma secca prolongada causou os maiores danos possiveis. Até as flores do jardim

de Frederica não tardarão a emmurcheçar, e o linho que lhe promettia tantas distracções não cresceu mais do que o tamanho de um dedo.

— Vês agora, minha filha, lhe disse sua mãe, que a chuva é tão necessaria como tambem o bom tempo. Não seria totalmente bom para nós outros mortaes termos sómente dias felizes e tranquillos. Para alcançarmos a virtude é mister que nos purifiquemos no cadinho da tristeza e da amargura.

Deos nos lega a chuva e o vento,
O sol, a luz e as flôres,
Assim como o riso e o canto,
A saudade e os amargores.

V

A CHUVA

Um mercador voltava um dia da feira; na garupa do seu cavallo tinha elle a sua mala cheia de dinheiro. A chuva cahia com violencia, e o bom homem estava molhado até á medulla dos ossos; maldizia por isso

o máo tempo, e queixava-se de Deos por lhe dar uma viagem tão aborrecida.

Passando d'ahi a instantes por uma floresta muito espessa, vio á margem do caminho um salteador; sentio um susto tão grande, que suppôz ser chegada a sua ultima hora de vida.

O salteador levou a coronha da espingarda á altura do rosto e fez-lhe pontaria; porém a escorva, estando molhada pela chuva, falhou fogo, e o mercador, chegando as esporas ao animal, escapou felizmente de ser morto.

Depois que se vio livre do perigo, disse consigo mesmo: — Que mal fiz eu em não supportar com paciencia a chuva como um beneficio de Deos! Se o tempo fosse bom, a esta hora eu estaria morto e os meus filhos esperarião em vão pela minha volta. A chuva que eu maldizia foi que salvou me a vida e a fortuna.

O que ás vezes nos parece mal
Occulta um bem celeste e divinal.

VI

○ ARCO-IRIS

Depois de uma tempestade que acabava de purificar o ar e de fecundar os campos, surgiu de repente no horizonte um formoso arco-iris. O pequeno Henrique estava na janella, e, apenas avistou o bello phenomeno, gritou arrebatado de alegria :

— Oh! nunca meus olhos virão côres tão lindas e magnificas. É alli em baixo, perto do velho salgueiro e á margem do regato, que ellas cabem das nuvens sobre a terra. Bem vejo que pingão em gottas de cada uma das folhas do arvoredó. Vou depressa encher com essas bellas côres todas as conchas da minha caixinha de desenho.

O menino correu com todas as suas forças para a arvore; mas, ai! vio-se isolado na chuva e não descobrio o menor vestigio das côres. Tristemente voltou molhado

para casa, e foi se queixar a seu pai da desgraça que lhe tinha acontecido.

— Meu filho, lhe disse este, não ha conchas n'este mundo que possam recolher as bellas côres que viste : são gottas de chuva que brilhão alguns instantes ao clarão do sol ; essas tintas tão esplendidas não são reaes, nem podem durar além de um momento. Acontece a mesma cousa, meu querido amiguinho, com todas as pompas d'este mundo : parecem alguma cousa, porém na realidade não são mais do que uma luz fascinadora e vã como a do arco-iris.

Não te deixes enlevar na vida
Por um falso e deslumbrante brilho :
Não mudes em pezar os gozos ;
Segue sempre da virtude o trilho !

VII

O ÉCHO

O pequeno Jorge não tinha a menor idéa do que fosse um écho. Um dia elle lembrou-se de gritar no meio do prado : — Oh ! oh ! — e ouvio repetirem no bosque

vizinho as mesmas palavras : Oh ! oh ! —
O menino, admirado, continuou a gritar :
— Quem és tu ? — A mesma voz mysteriosa respondeu logo : — Quem és tu ?

Jorge ainda continuou : — És um rapaz muito tolo. — Rapaz tolo ! repetio a voz do fundo do bosque. Jorge ficou desesperado, redobrou as injurias que enviava ao bosque. O écho sempre as repetia fielmente.

Procurou inutilmente o menino que elle suppunha lhe responder, para se vingar, porém não encontrou pessoa alguma. Jorge, vendo baldados os seus passos, correu para casa e foi se queixar a sua mãe de que um máo rapaz se tinha escondido no bosque para injurial-o.

— Vê, meu filho, lhe disse ella, tu te accusas e te trahes a ti mesmo. Sabe que apenas ouviste tuas palavras ; assim como tens visto teu semblante muitas vezes no regato, da mesma sorte acabas de ouvir a tua voz na floresta. Se houveses gritado uma palavra delicada, ouvirias outra igual. Tudo é assim n'este mundo. A conducta

dos outros a nosso respeito é geralmente o écho da nossa. Se tratarmos com benevolencia aos nossos iguaes, elles nos tratarão da mesma maneira ; se, porém, usarmos de grosseria, não poderemos nem teremos o direito de esperar melhor tratamento.

O écho repete sempre
Nossos gritos na floresta.
Seja sempre a nossa voz
Casta, pura e modesta.

VII

A FONTE

O pequeno Guilherme caminhava pelo meio dos campos, em um dia de estio em que fazia calor extraordinario. Suas faces estavam rubras, e o pobre menino morria de sêde. De repente chegou perto de uma fonte cuja agua crystallina sahia de um rochedo á sombra de um bello carvalho. Guilherme precipitou-se para esta agua fria como o gelo, e, bebendo d'ella, cahio por terra quasi desfallecido. Assim chegou

doente á casa de seus pais, entregue a uma febre muito perigosa.

— Ah ! dizia suspirando no seu leito, quem dissera, ao ver aquella agua tão limpida, que ella continha um veneno tão máo ?

Seu pai o ouviu e lhe disse :

— Não é a fonte, cuja agua é tão pura, a causa dos teus males ; é tua imprudencia, meu filho.

Quantas vezes o prazer mais puro
Se muda em mágoa acerba e dolorosa,
Se a imprudencia nos impelle os passos
Por uma senda alheia e tortuosa !

IX

AS FLÔRES



Em um bello dia de primavera, a pequena Margarida foi passear sózinha nos prados proximos á aldêa, e se divertia em colher flôres para formar um ramalhete. Ella vio, junto de uma sebe de espinhos, uma grande quantidade de lindas violetas. Transportada de alegria, começou a colhê-las sem precauções.

— Minha filha, lhe disse um velho aldeão que por alli passava, afasta-te d'esta sebe, que é o lugar onde as serpentes se escondem.

A menina ficou cheia de terror e parou por alguns momentos ; porém a cobiça de possuir as lindas flôres venceu ao receio.

— Só quero, disse ella, colher aquella violeta que apparece entre as hervas : tem uma côr azul tão formosa que eu a desejo para o meu ramalhete.

No instante em que ia colhêl a, uma vibora enroscou-se no seu braço, mordeu-a e inoculou-lhe o seu veneno fatal. A pobrezinha, a linda Margarida, morreu no fim de algumas horas.

Feliz aquelle que possui o dom
De saber moderar os seus desejos
Quantas vezes um fatal veneno
Se occulta no estridor dos beijos!

X

AS MAÇÃS

Uma manhã o pequeno Gregorio vio da sua janella uma quantidade de bellas e rubicundas maçãs espalhadas sobre a relva no vergel do vizinho.

O menino desceu apressadamente as escadas, e, se arrastando com a barriga pelo chão, entrou por um buraco do muro para o vergel alheio, e encheu de maçãs as algibeiras da calça e do paletó.

De repente, porém, o vizinho appareceu na porta do jardim com um cacete na mão. Gregorio correu com toda a rapidez que lhe podião prestar as suas pernas, e quiz sahir como tinha entrado, arrastando-se pelo chão.

Entretanto o pequeno larapio ficou preso na estreita abertura do muro, porque tinha as algibeiras completamente recheiadas. Vio-se, pois, na triste necessidade

de restituir as maçãs que roubára e soffrer o castigo que tinha merecido.

— Lembra-te, lhe dizia o vizinho :

Que a fortuna adquirida injustamente
Póde ser castigada incontinente.

XI

A PERA

Uma nobre dama collocou seu filho Adolpho como pagem na côrte de um grande monarcha. Com os olhos banhados de lagrimas, no momento da partida encheu-lhe o coração dos mais preciosos conselhos :

— Querido filho, lhe disse soluçando, além de tudo que te acabo de recomendar, nunca esqueças de amar a Deos e de julgal-o presente a todas as tuas acções. Respeita ao principe, teu amo, como se fosse teu pai, e nunca deixes de estimar aos teus camaradas como se fossem teus irmãos ; foge, porém, da golodice, meu filho, que é esse o teu defeito principal.

Chegando á côrte, foi Adolpho encarregado de servir o principe á mesa. Um dia elle conduzia em um prato de metal algumas peras cozidas com assucar ; teve a tentação violenta de comer uma, e, se bem que não se tivesse esquecido dos conselhos de sua mãe, n'aquelle momento tratou unicamente de saciar o seu desejo. Pegou em uma das peras, e, antes de chegar á sala em que se achava o principe, a engulio precipitadamente ; antes, porém, de collocar o prato sobre a mesa, o infeliz menino cahio morto : a pera, que estava extremamente quente, queimou-lhe o garganta e o estomago.

Se não tentas reprimir os teus desejos,
E a vontade que te arrasta desabrida,
De certo perderás a propria honra,
Mil vezes superior á propria vida.

XII

A NOZ

Dous meninos achárão uma noz debaixo de uma grande arvore perto da sua aldêa.

— Ella é minha, disse Ignacio, fui eu que a vi primeiro.

— Não, respondeu Bernardo, ella me pertence, porque eu a apanhei.

N'isso empenhou-se entre elles uma grave questão.

— Quero restabelecer a paz, disse um moço que passava n'aquella occasião.

Collocou-se entre os dous pequenos contendores e lhes fallou d'este modo :

— Uma das conchas da casca pertence a quem a vio e a outra a quem a apanhou ; quanto á amendoa, porém, pertence-me como recompensa da sentença que acabo de proferir. É este, accrescentou rindo-se, o desenlace habitual da mór parte dos processos.

Quem não adora o socego,
E se ajraz antes com a luta,
Perde a causa muitas vezes,
E além d'isso paga a custa.

XIII

A CASCA DA NOZ

A pequenina Liseta achou no jardim uma noz coberta com a sua casca ainda verde. Elle a tomou por uma maçã, e principiou a comel-a; apenas, porém, a tinha mordido, atirou-a fóra gritando :

— Oh! quanto é amarga!

Conrado, seu irmãozinho, que era mais judicioso, apanhou-a immediatamente, e, descascando-a com os dentes, lhe disse :

— Eu não faço caso do amargor da casca, porque sei que no interior ha uma amendoa cuja doçura apreciarei muito mais.

Quando um premio suave nos alenta
E nos mostra o promettido porto,
Que nos importa os soffrimentos da alma,
Se além achamos perennal conforto?

XIV

PEREIRA

Frederico era um menino cheio de petulancia e de leviandade; não fazia caso dos melhores conselhos que lhe davão e lançava tudo ao ridiculo.

Um dia elle desceu para o jardim com sua irmã Sophia. O canteiro d'esta estava ornado das mais bellas flôres, porém o de Frederico inculto e cheio das plantas mais agrestes e damninhas.

— Meu irmão, disse Sophia, como pôdes desprezar a tal ponto o teu jardim? Bem disse mamãi que nunca has de alcançar um-alto lugar entre os outros.

Frederico sorriu-se, e, trepando a uma alta pereira, gritou para sua irmã:

— Oh! Sophia, olha para cima, vê se me engano ou não, creio que me acho em um lugar bem alto, não te parece?

Mal acaba de pronunciar estas palavras,

quando o galho, zás !... quebrou-se, e Frederico cahio torcendo o braço.

Quem se ri dos conselhos da prudencia
Da sua leviandade recebe a recompensa.

XV

A PLANTA PRECIOSA

Duas criadas, Brigida e Walburge, ião para uma aldêa vizinha do lugar em que ellas moravão; cada uma carregava uma cesta de fructos extremamente pesada. Brigida não cessava de se queixar e de suspirar; Walburge, ao contrario, ria-se e caçoava.

— Como podes rir de tão boa vontade, lhe disse Brigida, se a tua cesta é tão pesada como a minha e se as nossas forças são iguaes ?

— Eu, respondeu-lhe Walburge, ajuntei á minha carga uma planta que eu conheço: é ella que me faz achar muito leve o peso que carrego; faz como eu e te acontecerá a mesma cousa.

— Sem duvida alguma, tornou-lhe Brigida, que é uma planta muito preciosa. Quem me dera ter uma para tornar tambem a minha carga mais leve! Dize-me por favor o seu nome.

— A planta preciosa, respondeu-lhe Walburge, e tão sómente a unica que tem o poder de alliviar todos os fardos, chama-se a *paciencia*.

Quem possui a *paciencia*,
Se padece alguma dôr,
Se soffre algum desengano,
E menor o seu rigor.

XVI

O NABO

Um pobre jardineiro tinha cultivado no seu jardim um nabo cuja grossura causava admiração a todos.

— Eu quero, disse elle, dal-o de mimo ao Monsenhor, porque sei quanto elle aprecia os jardins e os campos bem cultivados. Dito isto, levou o seu presente ao castello. Monsenhor elogiou o seu desvelo

pela industria e a sua delicadeza, mandando dar-lhe tres ducados em recompensa.

Um aldeão, que tanto tinha de rico quanto de avarento, ouviu contar este facto.

— Eu quero, disse consigo, offerecer tambem a Monsenhor o melhor carneiro que possuo ; se elle deu tres moedas de ouro por um miseravel nabo, o que não dará por um animal tão formoso como o meu carneiro ?

Immediatamente levou-o para o castello, onde supplicou humildemente a Monsenhor que o aceitasse. Este adivinhou o motivo que excitava o avarento camponez a fingir tamanha generosidade.

Recusou completamente o presente. Tantos protestos fez o camponez, e tanto pedio a Monsenhor que não lhe roubasse a felicidade de consagrar-lhe aquella offerta, que elle aceitou-a emfim, dizendo-lhe :

— Pois bem, já que me obrigas, eu consinto em recebê-la ; porém quero mos-

trar-me tão generoso como foste comigo : em troca do teu mimo quero dar-te um que custou o triplo do valor do teu carneiro.

Dito isto, entregou ao aldeão estupefacto de admiração o grande nabo que elle conhecia perfeitamente.

Um coração sincero é tão querido
Quão desprezível um coração fingido !

XVII

A COUVE

Dous criados, José e Benedicto, atravessando, um a aldêa, passarão um dia por junto de uma horta.

— Olha, disse José, como são prodigiosas aquellas cabeças de couve.

— Não acho, respondeu Benedicto, nenhuma cousa de notavel n'ellas. Encontrei um dia, na minha viagem pela França, uma muito maior do que a casa do cura que tu vês alli em baixo.

— Não duvido, respondeu José, que era caldeireiro ; tambem me recordo de ter trabalhado em um caldeirão do tama-

nho d'aquella igreja que nos vemos d'aqui.

— Por Deos! gritou Benedicto, para que serviria semelhante caldeirão?

— Para cozinhar a couve que viste, respondeu José.

— Perdão, replicou Benedicto, bem vejo que usaste d'este meio, quando és tão amigo da verdade, sómente para punir a minha mentira; isso me servirá de emenda.

Quem procura elevar-se mentindo
Vai em outras mentiras cahindo!

XVIII

OS COGUMELOS

Um dia uma boa senhora mandou sua filha Catharina colher na floresta cogumelos, de que seu pai muito gostava.

— Mamã, bradou a menina entrando em casa, achei muito bons cogumelos; vêde, disse ella alevantando a cesta, todos elles são vermelhos como escarlata e parecem ornados de perolas. Havia muitos

d'aquelles escuros que vós trouxestes ultimamente; porém eu não quiz apanhar nem um só.

— Insensata ! bradou a mãe com terror, estes bellos cogumelos, não obstante a sua côr e as suas perolas, contêm um veneno terrivel. Quanto aos escuros que desprezaste, são justamente os melhores, não obstante serem tão feios. Assim acontece, minha filha, com muitas cousas n'este mundo: ha virtudes modestas que não brilhão, e defeitos deslumbrantes que os parvos admirão. O peccado quasi sempre tenta nos seduzir pelos seus exteriores agradaveis.

Fugí sempre do peccado
Que promete um vil prazer ;
E veneno sempre occulto
Que de dôr nos faz morrer !

XIX

A ABOBORA E A BOLOTA

Um rustico camponez descansava á sombra de um carvalho, e olhava com at-

tenção os filamentos de um pé de abobora que se enroscavão em uma cerca de espinhos.

— Hum! hum! disse elle sacudindo a cabeça, não gosto d'este arbusto tão pequenino e rasteiro dando fructos tamanhos, emquanto que este carvalho, tão grande e magestoso, dá umas bolotas tão pequeninas. Se eu tivesse feito o mundo, seria o carvalho que daria essas bellas aboboras tão douradas e amarellas, que, segundo me parece, pesa cada uma pelo menos um quintal.

Mal acabava de pronunciar estas palavras quando uma bolota cahio da arvore com tal força sobre o seu nariz, que o sangue esguichou immediatamente.

— Cruz! gritou o homem aterrado, eis-ahi a recompensa da minha asneira! Se a bolota fosse uma abobora, a esta hora estaria eu esmagado completamente.

Não ha nada n'este mundo,
Desde a terra até os céos,
Em que não brilhem e fuljã
As maravilhas de Deos.

XX

O CARVALHO E O SALGUEIRO

Depois de uma noite de grande tempestade, Ricardo e seu filho Anselmo forão ao campo pela manhã ver os estragos que ella tinha produzido.

— Meu pai, disse o menino, vêde o carvalho, que parecia tão forte, estendido por terra, no emtanto que o salgueiro ainda está em pé na margem do regato. Eu supuz que acontecesse o contrario, e que o vento derrubasse antes o salgueiro, que é mais fraco.

— Meu filho, respondeu o velho, o carvalho não se dobrou por causa do seu orgulho, no emtanto que o salgueiro se abai-xando e cedendo á impetuosidade do vento, não lhe aconteceu nenhum mal.

Nunca se lucra em teimar
Por capricho ou sem razão :
Ceda o homem francamente
Quando tiver precisão.

XXI

O CARVALHO

Um dia comparecêrão diante do tribunal da justiça dous moços, um chamado Edmundo e o outro Oswald.

Edmundo expôz ao juiz que, tendo de fazer uma viagem, havia tres annos, confiára a Oswald, que suppunha o seu melhor amigo, um anel de diamante para guardal-o, porém que este negava agora restituil-o.

Oswald jurou pela sua honra ser completamente falso o que o outro dizia, accrescentando que o suppunha completamente alienado por isso.

— Edmundo, disse o juiz, pôdes apresenta alguma testemunha que te visse entregar o anel a este moço ?

— Infelizmente não, respondeu-lhe aquelle; não havia ninguem, á excepção de um velho carvalho que está isolado no campo, e debaixo de cuja sombra nos despedimos.

— É mentira, atalhou Oswald : não vi o carvalho, assim como não recebi também o anel.

— Pois bem, disse juiz ; tu, Edmundo, vai ao campo buscar um galho do carvalho, que eu quero ver ; e tu, Oswald, fica comigo até que elle volte.

Edmundo partio. Depois de alguns momentos, o magistrado exclamou :

— Admira que Edmundo tarde tanto. Onde iria elle ? Abre a janella, Oswald, vê se já apparece.

— Senhor, exclamou este, ainda é cedo : o carvalho fica distante d'aqui uma legua pelo menos.

— Miseravel mentiroso ! exclamou o juiz indignado ; ainda ha pouco juravas que não conhecias a arvore, assim como não tinhas recebido o anel ; agora tenho a certeza de que nem só conheces o carvalho, como tens em teu poder a joia de Edmundo.

Oswald foi obrigado a restituir o anel e publicamente castigado debaixo da ar-

vore que tinha servido de testemunha ao deposito que lhe fizera Edmundo.

Quasi sempre a iniquidade,
Quando illudir mais aspira,
E castigada em si propria,
Sendo o juiz a mentira.

XXII

O CAMPO

A choupana do pobre Nicoláo estava cercada de espinhos e de aveleiras . Em um dia de grande calor, elle descansava deitado debaixo de uma arvore, quando por alli passou um aldeão puxando a sua carroça cheia de magnificos feixes de trigo.

Nicoláo apenas o cumprimentou com os olhos, em que se via estampada a inveja. O aldeão parou e lhe disse :

— Basta que tu cultives um pedaço d'este terreno, sómente o espaço que occupar teu corps, para que no fim do anno colhas d'elle tanto trigo como o que levo na minha carroça.

Nicoláo aproveitou o conselho. Começou a arrancar os espinhos e a cultivar a

terra. No fim do anno tinha elle uma excellente colheita, que lhe dava para viver com sua familia na abundancia, sem ao menos lhe ter custado um unico obolo.

O trabalho nunca deixa
De ser um bem muito puro ;
Só elle dá felicidades
E nos garante um futuro !

XXIII

AS ESPIGAS



Um camponez foi um dia com o seu filhinho Tobias visitar o campo das suas plantações.

— Olha, papai, disse a ingenua criança, como algumas d'estas espigas de trigo estão com a cabeça levantada ; ellas devem ser muito boas. E estas outras, que estão quasi por terra, devem ser muito más ; não é assim, papai ?

O velho, depois de colher algumas espigas, respondeu-lhe :

— Vê, meu filho : a espiga que se ergueia tão altiva e soberana está completamente vazia ; entretanto as que se inclinavão com tanta modestia estão completamente cheias de bellos e excellentes grãos.

Nem sempre aquelle que se ergue altivo,
Querendo dominar a natureza,
Possue os dotes que, ádornando a alma,
São os unicos de real belleza !

XXIV

O POLVILHO

Um pelotiqueiro obteve permissão de executar em presença de um principe uma das peloticas que elle dizia nunca o mo-

narcha ter visto. O homem apresentou-se com uma gamella cheia de polvilho destemperado com agua. Pegando em uma agulha, lançava-lhe o polvilho com tal agilidade que esse ficava-lhe suspenso na extremidade.

— Meu caro amigo, disse-lhe o principe, tendes certamente excedido tudo quanto até hoje tenho visto ; e como aprecio devidamente o vosso trabalho, quero recompensar-vos como mereceis.

Fallou depois ao ouvido de um dos seus criados, e este voltou no fim de alguns minutos com um sacco que parecia muito pesado. O pelletiqueiro dava mil parabens á sua boa estrella, suppondo-o cheio de ouro.

Ajuize-se do seu desapontamento quando, mandando o principe abrir o sacco, achou-o cheio de polvilho, e ainda mais desapontado ficou quando o monarcha lhe disse :

— Como a vossa occupação de pelletiqueiro não é de utilidade alguma para os

homens, e receio que elles não gratifiquem o vosso trabalho como mereceis, não quero que vos falte polvilho por não poderdes compral-o ; por isso é que vos offereço este sacco.

Nunca tenteis um trabalho
Que não tenha utilidade,
Nem só a vosso respeito
Como a toda a humanidade

XXV

O LINHO

Uma dama muito rica cultivava linho nas suas terras. Um negociante apresentou-se em sua casa e lhe disse :

— Eu sei que o vosso linho não é de boa qualidade : dai-me um sacco de sementes d'elle, que vos arranjarei sementes de outro paiz ; apenas me dareis pela troca um ducado.

A dama aceitou. O mercador, que era um consummado velhaco, pensou enganar a dama trazendo-lhe o mesmo sacco que ella lhe tinha dado e guardando para si o

ducado. No caso, porém, da semente falhar elle attribuiria isso á mudança de clima ou á má qualidade do terreno.

Dito e feito. Levou d'ahi a dias o sacco. A dama ficou contentissima e mandou que despejassem as sementes. Mal cumprião suas ordens quando luzio uma cousa.... era um magnifico anel de ouro. A dama gritou :

— Eis ahi o anel que perdi no outomno passado quando dei as sementes do meu linho.

E, dirigindo-se ao mercador, continuou encolerizada :

— Vós sois um miseravel, cuja mascara acaba de cahir agora mesmo ; quizestes vender-me o meu proprio linho como se fosse estrangeiro. Em vez de dar-vos um ducado, vou obrigar-vos a dar-m'o como castigo da vossa má fé.

Com effeito, o tribunal obrigou o a isso, e elle sentio-se tão corrido de vergonha, que vio-se obrigado a abandonar o commercio.

Um ladrão procura embalde
Dar á mentira um verniz :
Quando menos elle espera,
É ella mesma o juiz !

XXVI

O THESOURO

I

Em um paiz muito longinquo, apresentárão-se dous aldeãos perante um juiz. Um d'elles lhe disse :

— Senhor, eu comprei um campo ao meu vizinho, que aqui vedes ; trabalhando n'elle, achei um thesouro que a minha consciencia me obriga a não aceitar, porque não possuo nenhum direito sobre elle.

— A minha consciencia tambem, respondeu o outro, me diz que esse thesouro não é meu. Não fui eu que o enterrei ; além de que, vendi a terra com tudo que se achava n'ella. Compete a vós, illustrado juiz, decidirdes a quem pertence o thesouro.

— Disserão-me, respondeu o magistrado, que um de vós tem uma filha, e o outro um filho, que se desejão casar ; seja,

pois, o thesouro de ambos, como dote que lhes dão seus pais.

Os dous honrados camponezes seguirão o conselho, voltando para suas casas na mais completa alegria :

A virtude é o dom mais puro
Que nos deu o Creador :
É dos bons o doce enlevo,
É do sabio o puro amor.

II

Um estrangeiro que se achava presente a essa decisão testemunhou a maior admiração.

— Isso se teria decidido de outro modo no meu paiz, disse elle : o comprador não poria duvida em dar alguma cousa ao outro, e por esse motivo se calaria ; se assim não acontecesse, o vendedor o chamaria á justiça e começava uma demanda que lhes havia de custar mais que o proprio thesouro.

O juiz, admirado d'essa linguagem, perguntou-lhe

— O vosso paiz é illuminado pelo sol ?

— Certamente, respondeu-lhe o estrangeiro.

— E a chuva cahe tambem sobre os campos ?

— Sem duvida alguma.

— É singular ! continuou o magistrado. Dizei-me ainda : Tendes ovelhas e gado ?

— Em grande quantidade, respondeu o estrangeiro.

— É por isso, exclamou o juiz, é para esses innocentes animaes que o sol brilha e a chuva cahe, mandados por Deos ; vós outros não mereceis certamente esses favores.

Onde reina a boa fé
Habita tambem a paz ;
Os lugares que ella deixa
Não prosperão nunca mais.

XXVII

O MARCO

Ulric habitava uma linda casa cercada de verde e espaçoso terreno, onde se osten

tavão muitas arvores fructíferas. Esse terreno era contiguo ao prado de um vizinho. Ulric queria augmentar as suas possessões á custa d'aquelle. Uma noite recuou para dentro do prado o marco que servia de limite ás suas propriedades. Algum tempo depois, querendo subir em uma arvore, collocou junto d'ella uma escada. Chegando no alto da cerejeira, e no momento em que deixava o degráo da escada, esta recuou, e, tendo cahido, Ulric bateu com a nuca no marco e ficou aleijado. Se não tivesse mudado o marco, cahiria além d'elle sobre a relva e não teria soffrido tanto mal.

Aquelle que se entrega inteiro ao vicio,
Faz d'elle quasi sempre o seu supplicio.

XXVIII

A PARREIRA

Um jardineiro tinha plantado perto da sua casa uma parreira, cujas folhas cobrião toda a parede, e cujas uvas erão deliciosas.

A parreira excitou a inveja de um vizinho, que de noite cortou os mais bellos dos seus ramos, julgando matal-a d'este modo.

Muito se affligio o jardineiro de manhã, vendo o que lhe tinha acontecido, porque não sabia quanto a poda desenvolve a parreira.

— Senti correrem-me as lagrimas, disse elle, quando vi este bello arbusto mutilado; no entanto nunca tive tanta abundancia de uvas e nem mais bellas do que este anno.

Este incidente despertou-lhe a idéa de podar a parreira para tornal-a mais fertil.

Do nosso inimigo, ás vezes, a maldade
É a origem da nossa felicidade.

XXIX

AS LENTILHAS

Outr'ora havia um homem muito rico que vivia em extrema penuria. Elle sómente se sustentava de lentilhas, pela sua barateza e pela nutrição que possuem.

Deitava na panella as que erão absolutamente necessarias para não morrer de fome ; porém, antes d'isso, elle as contava uma a uma diariamente. Entretido n'este serviço, abandonava os cuidados da casa e os seus interesses, e, emquanto poupava algumas lentilhas, seu criado roubava-lhe mais de um sacco de grãos.

O homem rico acaba muitas vezes por ser extremamente pobre.

Não empregues o teu tempo
Em pequenas fantasias,
Procura sempre occupar-te
Com cousa de mais valias.

XXX

A PARREIRA

Quasi na hora da morte, disse um pai a seus filhos :

— Meus amados filhos, eu apenas vos deixo a minha cabana e alguns pés de parreira ; porém lembrai-vos que esta ultima dadiva occulta um thesouro. Cavai a terra incessantemente e vós o achareis.

Depois de sua morte, os filhos virarão

e revirarão a terra em todos os sentidos ; não acharão, porém, nem prata nem ouro algum. Como nunca tivessem cultivado tão bem o terreno como n'aquelle auno, este produziu uma colheita tão abundante de uvas que todos ficarão sorprendidos.

Só então comprehendêrão qual era o thesouro em que lhes fallára seu pai, e escrevêrão sobre a porta da choupana estas palavras em grandes caracteres :

O verdadeiro thesouro é um trabalho
Para aquelle que lhe vota toda hora, todo
[constante
[instante.

XXXI

AS AVES

Havia antigamente uma linda aldêa cercada de muitos e productivos arbustos que florescião na primavera, exhalando os mais deliciosos perfumes ; os seus ramos, assim como os cercados vizinhos, estavam continuamente ladeados de passarinhos, que entre o trançado dos galhos tazião os seus ninhos e soltavão os seus maviosos gorgocios. No outomno, as arvo-

res se debruçavão ao peso das peras e das ameixas.

No entanto, alguns meninos malevolos da visinhança tanto fizerão, que as aves deixárão os seus ninhos, e nunca mais se lhes ouviu o alegre cantar. D'ahi em diante os jardins se tornárão tristes e silenciosos. As lagartas, que ellas consumião outr'ora, se multiplicárão com rapidez tal, que, devorando as flôres e folhas, as deixavão nuas como se estivessem no rigor do inverno.

Os malevolos meninos, que tinham antes d'isso fructos deliciosos e abundantes, não virão mais nenhum sobre o cume das arvores.

Creando o céo, a terra, a luz, as flôres,
Deos nos quiz accumular de mil favores.
Respeitemos todos nós a singeleza
Com que quiz adornar a natureza!

XXXII

O CANARIO

Christina ha muito tempo pedia a sua mãe que lhe comprasse um canario.

— Eu te darei um, dizia aquella, se fôres sempre boa, docil e diligente.

Christina promettia tudo.

Um dia que a menina voltava da escola, sua mãe lhe disse :

— Eu vou sahir ; deixo em cima d'esta mesa uma caixinha completamente nova, em que te recommendo não toques, nem pegues. Se me obedeceres, eu te prometto teres uma grande satisfação logo que volte.

Apenas ella sahio, a curiosa menina apossou-se da caixa e principiou a miral-a por todos os lados.

— É bem leve, dizia comsigo ; tem uns buraquinbos na tampa ; para que serão feitos ? O que terá dentro ?

E, pensando que sua mãe não a via, abriu a caixinha, e no mesmo instante escapou um lindo canario, que começou a adejar no quarto, soltando alegres trinados.

Christina esforçou-se inutilmente para apanhar a avezinha e fechal-a na sua prisão antes que sua mãe visse a sua desobediencia.

No momento em que, anhelante de cansaço e com as faces rubras de fogo, perseguia em vão o aligero fugitivo, sua mãe entrou no quarto e lhe disse :

— Filha curiosa e desobediente, eu ia te fazer mimo d'este canario; mas antes queria saber se eras digna d'elle : vou immediatamente entregal-o ao caçador

Um menino obediente
Embora tenha certeza
De seus pais o não saber,
Cumpre sempre o seu dever.

XXXIII

O ESTORNINHO

Mauricio, o velho caçador, tinha no seu quarto um estorninho que elle tinha criado, e que sabia articular algumas palavras Quando lhe dizia, por exemplo. — Estorninho, onde estás ? a ave nunca deixava de gritar : — Estou aqui !

O menino Carlos, filho do vizinho, gostava muito de ouvil-o e fazia-lhe amiudadas visitas. Um dia que chegou á casa do

caçador, não o achou no seu quarto. Immediatamente apanhou a ave e a metheu na algibeira, querendo logo evadir-se com o seu furto ; no mesmo instante, porém, entrou o caçador, que, suppondo agradar ao menino, perguntou, como tinha por costume :

— Estorninho, onde estás ?

— Estou aqui ! gritou a ave com toda a sua força, escondida no bolso do menino,

Por mais que se tente um roubo occultar,
A's vezes vem elle por si se mostrar.

XXXIV

O GALLO



Uma mãe de familia muito diligente tinha o costume de acordar as suas criadas

ao, cantar do gallo, para cuidarem no serviço.

Aquellas odiavão o pobre animal, e um dia o matárão, suppondo que d'ahi en-diante dormirião até mais tarde. A dona da casa, não tendo por onde guiar-se, acordava mais cedo, e algumas vezes mesmo á meia noite.

Tentando ás vezes arredar um mal
Que nos priva de um gozo desejado,
Vem depois outro mal inesperado!

XXXV

A CALLINHA



Uma velha tinha uma gallinha que pu-nha todos os dias um ovo. Ella a engor-

dou muito, julgando por esse meio obter diariamente dous ou tres ovos ; mas o excesso da comida engordou-a de mais, e a gallinha nunca mais pôz.

Contentai-vos com o pouco
Que o destino vos legou.
Quem deseja ter de mais
Perde tudo que ganhou !

XXXVI

O NINHO

Um menino muito máo tinha o costume de procurar os ninhos dos passarinhos em todas as partes, para arrancar com uma barbara alegria os seus olhos. Sua mãe lhe dizia muitas vezes :

— Recorda-te do que eu te previno : se não tentas corrigir-te, Deos te castigará.

O menino zombava d'esses conselhos, e de dia a dia se comportava peor.

Um domingo, em vez de ir á missa, foi para o malto praticar novas crueldades.

Vio um grande ninho no cume de um car-

valho elevado. De repente trepou na arvore, arrancou do ninho uma das aves e a lançou violentamente no chão; e ainda ia apanhar uma outra quando chegarão o pai e a mãe, que erão aves de rapina, e com os seus bicos vasárão-lhe tambem os olhos.

Quem não attende aos conselhos de seus pais
Expõe-se a soffrer males mortaes.

XXXVII

AS ABELHAS

I

Um dia Alberto entrou no jardim do vizinho e vio uma bella roseira toda cheia de flôres. Colheu uma rosa e disse :

— É preciso respirar o seu perfume com toda a embriaguez.

Apenas tinha chegado ao nariz a flôr meio aberta, sentio uma dôr aguda e violenta. Uma abelha, occulta no calice da rosa, lhe tinha picado a venta, porquanto

o pequeno esturdio quasi que a tinha esmagado.

Um prazer que não se goza
Com muito comedimento
Se transforma muitas vezes
Em tyranno soffrimento.

II

Alberto, encolerizado completamente, encheu as mãos de terra, e como um furioso atirou-a sobre a colmêa. As abelhas, irritadas por isso, lançárão-se sobre elle, dando-lhe mais de cem mordidellas, venenosas, que o lançárão de cama, sendo ainda muito feliz por escapar da morte e ter soffrito unicamente um longo curativo.

Soffre teus males com paciencia infinda,
Se não os queres augmentar ainda!

XXXVIII

AS MOSCAS E AS ARANHAS

Para que fim Deos creou as moscas e as aranhas, dizia continuamente um principe, se de nenhuma utilidade são ellas

para o homem ? Se eu pudesse, as faria desaparecer da terra.

Um dia esse principe vio-se obrigado na guerra a fugir adiante do inimigo. Sentindo-se já muito fatigado, deitou-se debaixo de uma arvore e adormeceu. Um soldado inimigo, que o vio, pegou no sabre e deslizou se docemente para assassinal-o. De repente uma mosca pousou-lhe no rosto, dando-lhe tal ferroadada que elle despertou, e, lançando mão da espada, perseguiu o soldado, que fugio. D'ahi correu o principe a esconder-se em uma gruta. Durante a noite as aranhas fiarão as suas teias na entrada. De manhã dous inimigos que andavão em procura do principe pas-sarão por alli.

— Olha para a gruta, exclamou um d'elles : quem sabe se escondeu-se n'ella !

— Não é possivel, respondeu-lhe o outro, porque então teria quebrado a teia de aranha que está na porta.

No momento em que o principe percebeu que elles tinham partido, exclamou

cheio de emoção e erguendo as mãos para os céos :

— Oh ! meu Deos, quantas graças não te devo ! Hontem me salvaste a vida por meio de uma mosca, e hoje o fizeste novamente servindo-te de uma aranha. Oh ! nada iguala a perfeição das tuas obras e a sabedoria que preside a todas ellas.

Mesquinho insecto ás vezes, de repente,
Pesta ao homem um serviço omnipotente.

XXXIX

O GRANDE PEIXE

Um pescador levou todo o dia pescando em um lago ; porém não apanhou nem um peixinho. De tarde voltava elle tristemente, remando para terra.

— Eu creio, murmurou comsigo, ter sido tão infeliz hoje porque não implorei a benção de Deos para meu trabalho ; prometto, porém, que isso nunca mais me acontecerá.

De repente um grande peixe, que se via perseguido por outro, saltou fóra da agua

e cahio dentro da barquinha, principiando a saltar aos pés do pescador.

O que não póde vencer o esforço humano,
N'um só momento faz o Deos soberano.

XL

O CÃOZINHO

Uma menina chamada Carolina, indo passear um dia á borda de um regato, encontrou alguns rapazes máos que querião afogar um cãozinho. Ella teve dó do animal, comprou-o, e o levou comsigo para o castello. Pouco tardou que elle se acostumasse com a sua dona, e a tal ponto que nunca a deixava. Uma noite, quando ella ia deitar-se, o cão principiou a latir com vehemencia.

Carolina pegou em uma luz, e examinando vio escondido debaixo da cama um homem de horrivel catadura. Gritou em altas vozes que acudissem; prendêrão o ladrão, que foi entregue á justiça, a quem declarou no interrogatorio a intenção que tinha de matar a moça e roubar a casa

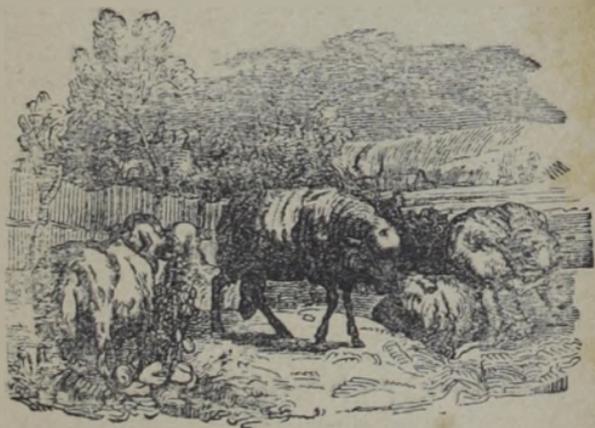
A menina rendeu mil graças ao céu por
tél-a salvado tão milagrosamente, dizendo:

— Quem julgaria que o pobre animal a
quem salvei a vida viria a seu turno sal-
var a minha?

Se do céu as santas graças
Desejais ter, ó mortaes !
Sêde sempre compassivos
Com os pobres animaes !

XLI

AS OVELHAS



Um joven pastor tinha o costume de
guardar o seu rebanho nas montanhas.

Um dia, estando assentado sobre o pedaço de uma rocha á sombra de um salgueiro, principiou a cochillar. Como sua cabeça oscillasse de diante para trás, o carneiro que passou perto d'alli suppôz que elle o estivesse desafiando, e, arre-messando-se de longe, bateu lhe rudemente com as pontas. O dorminhoco, acordando enfurecido de um somno tão agradável, agarrou no carneiro e atirou-o no fundo de um abysmo. As ovelhas, logo que o vírão sumir, saltárão todas no mesmo lugar e morrêrão sem escapar uma só.

O pastor arrancou os cabellos de desespero, gritando :

Desgraçado é sempre o homem
Que não reprime o furor.
Cava sempre novo abysmo,
Augmentando a sua dôr !

II

A historia do infeliz rebanho espalhou-se por toda a aldêa, e um velho camponez, que tanto tinha de honesto como de probô, fez d'ella uma feliz applicação.

Seus filhos e filhas desejavão ir á cidade em um dia de feira, em que tambem havia dança.

— Não quero, disse o velho : passão-se alli muitas cousas com que não concordo e nem gosto. Eduquei a todos vós na innocencia e na virtude, e com muita facilidade podeis perder ambas.

— Porém, disserão os meninos, como é que muita gente não tem receio de irlá ?

— Muitos vão, respondeu o pai, porém voltão cheios de doença e sem a sua innocencia e virtude. Porventura quereis imitar as ovelhas, meus filhos, que, se uma salta no abysmo, as outras saltão tambem? É por isso que vós as chamais de animaes; pois bem, o que será o homem que se lança no precipicio porque outros tambem se lançárão? Não terá elle mais reflexão do que as ovelhas ?

Se o máo se perde, se arrojando ao vicio,
Temei te acompanhar-o ao precipicio.

XLII

O CAVALLO ROUBADO

Durante a noite roubárão da estrebaria de um aldeão o seu mais bello cavallo. No dia seguinte partio elle para o mercado vizinho, a quinze leguas de distancia, para comprar um outro animal. Calcule-se a sua admiração, conhecendo o seu entre os que se achavão expostos á venda. Pegou-o immediatamente pela redea, gritando :

— Este cavallo é meu ; fazem tres dias que m'o roubárão.

— Enganai-vos, meu amigo, lhe disse polidamente o sujeito que o queria vender ; póde ser parecido com o vosso, porém eu já o tenho ha um anno.

O aldeão tapou com as duas mãos os olhos do cavallo, e perguntou ao vendedor de qual dos dous olhos elle é cego.

— Se o animal é vosso, deveis sabêl o. O outro, que era realmente o ladrão do

cavallo, ficou atrapalhado, porque não o tinha examinado detalhadamente; entretanto respondeu ao acaso :

— É do olho esquerdo.

— Não, senhor, respondeu-lhe o camponez, não é o olho esquerdo que lhe falta.

— Ah ! gritou o ladrão, eu me enganei; queria dizer o olho direito.

O aldeão descobriu os olhos do animal, dizendo ao fingido dono :

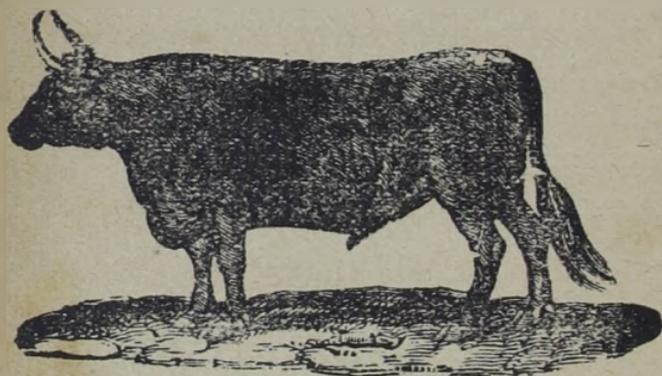
— É evidente que sois um mentiroso e um ladrão. Vêde todos e sêde testemunhas de que o cavallo não é cego ; foi um meio de que me servi para descobrir a verdade.

Uma risada geral applaudio o engenhoso stratagemma do aldeão. O ladrão restituiu o cavallo, e, sendo preso, soffreu o castigo que lhe impôz a justiça.

Por mais finorio que um velhaco seja,
Acha seu mestre quando o não deseja

XLIII

O BOI



Um pai entretinha um dia seus filhos sobre a perfeição que se póde adquirir em qualquer cousa com o habito e o exercicio.

— Eu quero, disse elle, citar-vos um exemplo notavel. Contárão-me que existio antigamente um homem que vajava por diversos paizes com um boi. Carregava esse animal ás costas, á vista de todos os espectadores, o que lhe valia muito di-

nheiro que lhe davão. Perguntando-lhe
alguem como adquirira uma força tão
prodigiosa, elle respondeu : « Quando este
boi era pequenino, eu o carregava todos os
dias no meu quintal durante algumas ho-
ras ; é certo que foi crescendo ; porém as
minhas forças crescião na mesma pro-
porção, de sorte que o peso de um boi não
me póde esmagar agora.

Esta historia, falsa ou verdadeira, ajun-
tava o velho pai, me faz lembrar o valor
que tem o velho rifão :

Nada é tão util á vida,
Como o exercicio e a comida.

XLIV

O ASNO



Um jardineiro, querendo ir á cidade vizinha, carregou de legumes o seu animal, de tal sorte que apenas se lhe via a cabeça e a cauda.

Atravessando o caminho pelo meio de uma malta, cortou algumas achas de lenha, e, pondo-as sobre o asno, disse :

— Um peso tão ligeiro não pôde fazer mal nenhum.

Mais adiante, colheu algumas varinhas para estacar as flôres, dizendo ainda :

— São tão leves que o animal nem sentirá.

Quando o sol tornou-se a prumo no céu, dardejando com mais força os seus raios, tirou o seu capote e o lançou por cima do fardo.

— Não estou longe da aldêa, disse elle, e o capote, que eu alevanto com um dedo, não augmentará a carga do animal.

Apenas pronunciára estas palavras, o asno esbarrou em uma pedra e não se ergueu mais, esmagado debaixo de um peso tão consideravel.

— Ah ! bem tarde vejo eu, exclamou tristemente, que nunca se deve impôr aos homens nem aos animaes uma carga superior ás suas forças.

XLV

O MACHO

Dous ladrões, tendo roubado um macho, o escondêrão em uma floresta. En-

trando no ajuste do preço por que o venderião, e da parte que caberia a cada um, não chegarão a um accordo, e finalmente tentárão resolver a questão por meio dos sôcos.

Eis que no meio da luta, e quando mais renhida andava ella, chega um terceiro ladrão, monta no macho, e foge sem ser visto pelos dous, que só muito depois descobrirão o logro.

— Podemos fazer, disse um d'elles uma bella applicação do proverbio: « Que o mel não é para a boca de quem o colhe, sim para aquelle que o engole »

XLVI

O MACACO



Um macaco entrou por uma janella para o quarto de um rico muito avarento que nunca dava um real de esmola aos pobres. Elle não estava em casa n'essa occasião. O macaco, achando uma caixinha cheia de peças de ouro, principiou a lançal-as pela janella fóra.

Logo a multidão reunio-se na rua, disputando o dinheiro a sôcos. Quando a caixa estava quasi vazia, chegou o avaro. Ajuize se da sua colera ! Ameaçando ma-

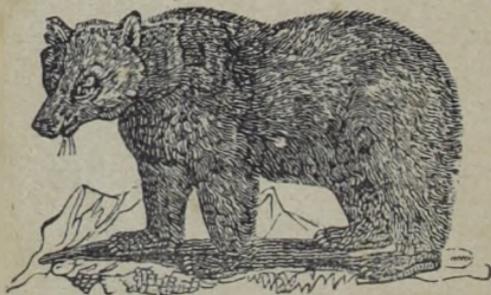
tar o animal, chamou-o de imbecil entre outros nomes.

— É verdade, disse um vizinho, que é pouco sensato lançar dinheiro pela janela, como fez este macaco; porém não é mais sensato conserval-o aferrolhado, como vós, sem fazer nenhum uso d'elle.

Feliz aquelle que, tendo
Ajuntado cabedaes,
Faz a sua felicidade
E a felicidade dos mais.

XLVII

O URSO



Dous jovens caçadores, Huberto e Eustaquio, andavão viajando, quando ouvirão

fallar em um urso de extraordinario tamanho que estava acoutado em um bosque muito espesso na vizinhança.

— Nós o mataremos certamente, disserão elles.

Desde esse dia nunca mais deixárão de fazer esperas ao urso, e á noite voltavão para a hospedaria, onde bebião do melhor vinho que havia ; e, como não tivessem dinheiro, contavão pagar as despesas com a pelle do urso.

Um dia que percorrião a floresta, esse approximou se d'elles, soltando um terrivel e espantoso berro. Huberto atirou : mas o medo fez com que a bala resvasse, o que tendo observado, o caçador trepou rapidamente em uma arvore. Eustaquio, cuja espingarda ficou inerte, deitou-se no chão, fingindo-se morto. O urso cheirou lhe a boca, os ouvidos e o nariz ; depois afastou-se, porque elles não comem os defuntos. Então Huberto desceu da arvore, e perguntou ao companheiro, gracejando :

— Fazes-me o favor de repetir o que te disse o urso ?

— Elle me disse, replicou Eustaquio, que para o futuro não vendessemos a pelle do urso antes de tê-lo estandido, no chão.

Em negocios não tenhas confiança
Fiado tão sómente na esperança.

XLVIII

O LOBO



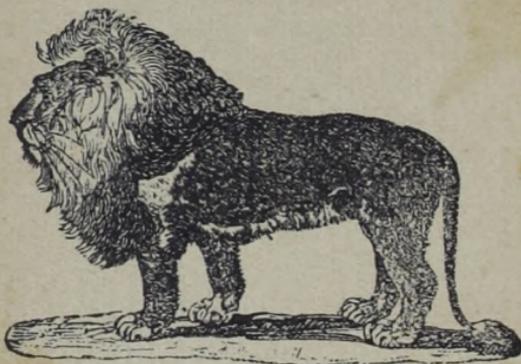
Um rapazinho muito mentiroso, chamado José, pastoreava seus carneiros perto de uma grande floresta. Um dia gritou por caçoada :

— O lobo ! o lobo !

A esses gritos os camponios da aldêa vizinha corrêrão armados de facas e cacetes ; porém, não vendo nada, voltárão para casa, sendo ainda em cima apupados pelo menino.

No dia seguinte elle repetio a mesma scena ; porém não vierão todos os camponios ; os que apparecêrão, sendo illudidos de novo, voltárão despeitados para suas casas. No terceiro dia o lobo veio com toda a audacia. José principiou a bradar por socorro ; porém ninguem appareceu para acudir-lhe. O rebanho correu todo para a aldêa ; porém o pobre José, que não era dos mais ageis, ou tão agil como os carneiros, foi pilhado e comido pelo lobo.

Falle embora o mentiroso uma verdade,
Que parece fallar sempre debalde !



Um pobre escravo, que tinha fugido da casa de seu senhor, foi condemnado á morte; mettêrão-o em um grande páteo cercado de muralhas, e contra elle arremessárão um terrivel leão. Milhares de pessoas assistião a este espectaculo. O leão furioso lançou-se repentinamente sobre o homem; porém de subito recuou, e voltou novamente, sacudindo a cauda e lambendo-lhe as mãos. Foi geral a admiração dos espectadores, e, sendo interrogado o escravo, contou a seguinte historia :

“ • Teudo fugido um dia da casa do meu senhor, eu me escondi em uma caverna no meio do deserto. N'isso entrou um leão apresentando-me a patae soltando lugubres gemidos. Tirei-lhe compassivamente um espinho que o martyrisava, e desde esse dia em diante tornámo-nos amigos, sendo elle quem fornecia a caça para o meu alimento. Fomos separados ultimamente por occasião de uma grande caçada que fizerão no deserto; o meu pobre amigo, reconhecendo-me agora, alegrou-se, como vistes com o nosso encontro. »

O povo, entusiasmado de tanto reconhecimento em um animal de tal ferocidade, gritou em uma só voz : — Conceda-se a vida ao escravo e dê-se lhe o leão reconhecido.

O escravo obteve a sua liberdade e ricos presentes ao mesmo tempo.

O leão o seguia tão timidamente como um cãozinho, sem nunca causar o menor damno a pessoa alguma

Se o proprio bruto se curva
Ante a lei da gratidão,
Como póde ser ingrato
Quem possui uma razão ?

L

O OURO

Os dous irmãos Gustavo e Luiz atravessarão o mar e forão em longinquos paizes tentar fortuna.

Gustavo alcançou um pedaço de terra inculta, que em pouco tempo reduzio a um bello campo que lhe forneceu pão em abundancia. Luiz embrenhou-se pelas florestas, e foi no cume das montanhas ver se colhia alguns grãos de ouro.

Depois de uma vida amargurada, e durante a qual sómente se sustentava de raizes e cascas de arvores, voltou para casa de seu irmão com um sacco cheio de ouro.

— Olha, irmão, disse elle, que boa fortuna fiz eu ! Todo esse ouro me pertence; porém dá-me alguma cousa para comer, porque estou cansado e cheio de fome.

— Dou-te, respondeu-lhe Gustavo, mas imponho que pagues a comida a peso de ouro.

O irmão não gostou nada da proposta; porém não teve outro remedio, porque não tinha forças para continuar a jornada.

Alguns dias depois, vendo-se Gustavo de posse de todo o ouro do irmão, lhe disse :

— Meu bom amigo, eis-ahi o teu thesouro; não sou tão barbaro que roubasse aquillo que te pertence; sómente queria convencer-te de que a riqueza não dá felicidade, e de que o trabalho é preferivel ao ouro.

Quando o trabalho vos dá
Honestá subsistencia
Não invejeis nunca o ouro,
Nem o esplendor da opulencia.

LI

AS PEROLAS

I

Um viajante, perdido em um d'esses vastos e arenosos desertos que se percor-

rem em longos dias sem divulgar-se uma cabana, sentia-se já exausto de forças e quasi morto de fome. Doce alegria foi a sua quando ao longe descobrio palmeira esbelta e graciosa, e limpida fonte aos seus pés. Junto a esses dons vio elle um sacco contendo um volumoso embrulho.

— Graças, meu Deos ! exclamou arrebatado de alegria ; abençoados sejam os pomos que me envias para eu acabar com a fome.

Dizendo isso, abriu o sacco ; mas ai ! qual não foi o seu desespero achando só perolas.

Mais que o dinheiro, talvez,
(Não padece isso questão)
Tem a comida o valor
Que nos indica a razão.

II

O pobre homem ia morrer de fome ao lado das perolas, que valião milhões de escudos ! Ergueu os olhos para o céu e implorou a piedade divina. De repente appareceu um Mouro ao seu lado, que

como elle tambem atravessava o deserto. e que voltava appressadamente para esse lugar, onde estivera. O sacco era seu, e tão feliz se achou de encontral-o, que deu ao infeliz viajante pão e fructos deliciosos, levando-o além d'isso na garupa do seu dromedario.

— Vêde, disse ao seu companheiro, como a Providencia é justa e milagrosa, como são grandes as suas maravilhas ! Eu julgava-me o mais desgraçado de todos os homens por ter perdido as minhas perolas, no emtanto que não podia acontecer-me maior felicidade : se assim não fosse, eu não teria voltado a este lugar, e não vos teria salvado a vida.

Por um meio muitas vezes apparente,
Deos nos salva a existencia de repente.

LII

AS PEDRAS PRECIOSAS

Uma dama encommendou a um ourives um rico adereço e deu lhe as pedras necessarias para fazêl-o.

Um dos aprendizes do ourives, chamado Roberto, gostava de admirar essas pedras tão lindas e de côres tão variadas. Levava ás vezes muito tempo em miral-as.

De repente o mestre vio que lhe faltavão duas das mais bellas; suspeitou immediatamente do aprendiz e passou uma revista no seu quarto. Depois de muito trabalho, achou ambas escondidas em cima de uma caixa dependurada na parede. Roberto soffreu, além de um duro castigo, a humiliação de ser despedido da loja. Embalde protestou a sua innocencia; as provas erão todas contra elle. No dia seguinte á sua partida, faltou uma outra pedra; o mestre achou-a no mesmo lugar em que estiverão as duas primeiras. Não podendo atinar com o autor de semelhante gracejo, espreitou cuidadosamente, e vio uma pêga, que Roberto tinha criado, voar para as pedras, pegar em uma com o bico e deital-a em cima da mesma caixa.

O ourives affligio-se muito com a injus-

tiça com que tinha tratado o pobre Roberto; chamou-o novamente para casa, enchendo-o de ricos presentes, e cuidando de fazer-lhe esquecer as suas faltas.

Nunca suspeites na vida
Contra a honra de ninguém
Quantas vezes a suspeita
Uma intamia não contém!

LIII

OS SEIXOS

O joven Floriano, criado de um lavrador, soffria de uma molestia perigosa, pelo habito que tinha contrahido de beber aguardente.

— Se não deixardes de beber esse licor, disse-lhe o medico, morrereis sem duvida alguma, pois que é elle um veneno para a mocidade.

— Já não posso deixar de bebêl-o, respondeu-lhe o doente, pelo costume em que estou; não ha dia nenhum em que não beba aquella garrafinha que alli vêdes.

— Veremos, disse o medico, se encontrarei algum outro meio.

No dia seguinte levou-lhe uma linda caixinha cheia de pequenos seixos muito delicados.

— Lançai, disse a Floriano, cada dia um d'esses seixos dentro da garrafa; porém nenhum d'elles tirareis para fóra; d'esse modo a aguardente não vos fará mal algum.

O doente julgou que os seixos tinham a virtude de neutralisar a propriedade malefica da aguardente, e cumprio exactamente a recommendação do medico. Assim, bebia todos os dias algumas gottas de menos sem percebê-lo, e quando a garrafa encheu-se de seixos, perdeu elle tambem o fune^r,o habito de beber.

Procura sempre te tornar mais puro;
Melhor sorte terás lá no futuro.

LIV

A PEDRA

Um homem rico, tendo uma questão com um pobre trabalhador, atirou-lhe

com uma pedra, que este apanhou e met-
teu na algibeira, dizendo :

— Dia virá em que eu te restituirei ao
meu inimigo.

O rico, reduzido á mendicidade pela sua
prodigalidade e orgulho, passou um dia,
coberto de andrajos, pela porta do pobre.
Este foi procurar a pedra para atirar ao
infeliz ; porém repentinamente parou, ex-
clamando :

— Eu vejo que nunca nos devemos vin-
gar de ninguem : se o nosso inimigo é ri-
co e poderoso, a prudencia nos avisa que
devemos respeitá-lo ; se é infeliz, seria
commetter então uma crueldade. além de
que a vingança é indigna de um homem
honrado e de um christão.

Nunca procures vingança
Das injurias que soffreres.
Deos protege as almas nobres :
Confia nos seus poderes.

LV

O SACCO DE TERRA

Um homem muito rico, querendo aug-

mentar a extensão de seu jardim, expellio uma viuva do unico pedaço de terra que possuia. Passeando uma manhã pelos seus dominios, vio elle chegar a pobre velha com um sacco vazio na mão.

— Venho pedir-vos, disse ella, que me deixeis levar da minha herança paterna sómente a quantidade de terra que este sacco puder conter.

— Consinto, respondeu o rico, não obstante achar que é uma asneira.

A viuva encheu o sacco, e lhe disse :

— Ainda tenho um pedido a fazer-vos : desejo que me ajudeis a pôr nas costas este sacco.

O rico, acostumado á vida indolente e preguiçosa, recusou formalmente ; porém tanto instou a velha que por fim consentio em ajudal-a. Querendo levantál-o, não pôde ; então gritou para a velha :

— Não posso : o sacco é muito pesado !

— Como ! respondeu esta, achais pesado um punhado de terra ? E o que será a eternidade do peso que tereis de carregar

de um campo que contém mais de mil saccos iguaes a este?

O rico espoliador da velha comprehendeu a sua injustiça e lhe restituiu o seu campo.

A fortuna adquirida pela usura
Enche a vida do homem de amargura.

LVI

A QUINTA

O velho Wilibald procurava questões com todo o mundo e passava a vida em demandas. Vio um dia furando-se a parede do vizinho para abrir-se uma janella que deitava para a sua quinta. Wilibald quiz oppôr-se, ameaçando o vizinho de chamental-o á justiça. Muitos dos seus amigos o aconselharão que não fizesse tal, dizendo-lhe que perderia a demanda; longe, porém, de seguir esse conselho, ficou enfurecido, e, batendo rijamente um sôco na mesa, gritou:

— Hei de ganhar a demanda, e juro que

o meu vizinho nunca mais verá a minha quinta.

Com effeito, começado o processo, elle o perdeu com todas as custas, vendo-se forçado a vender a propria quinta para pagar o dinheiro que tinha pedido emprestado.

Miguel, o filho de um lavrador abastado, comprou-a, o que deu lugar a alguns vizinhos de Wilibald dizerem ;

— Vós ganhastes o processo e obtivestes o que desejaveis. Não é mais a vossa quinta que o vizinho vê da janella, é a quinta de Miguel.

Quem se mette em demandar,
Ganhe ou perca muito embora,
Vem chorar !

LVII

A MURALHA MARAVILHOSA

Durante uma guerra os habitantes de certa herdade virão-se em grande agonia ; uma noite sobretudo foi horrivel para elles : o inimigo percorria o paiz e as

signalava a sua passagem incendiando e devastando tudo; só se ouvia continuamente o ruído terrível do canhão; de mais a mais era no inverno, e o tempo frio e nebuloso. Todos receiavam a cada instante ser expellidos de casa em estação tão rigorosa. Os velhos e os meninos passavam acordados toda a noite reunidos no mesmo quarto, nunca cessando de implorar a proecção divina. Uma noite uma das velhas lia em voz alta a reza intitulada: *Supplica para o tempo de guerra*, que dizia assim: « Possa Deos elevar uma muralha protectora que defenda este tecto hospitaleiro do furor dos inimigos! » Um joven aldeão, que a tinha ouvido, não pôde deixar de dizer que era muita exigencia pedir a Deos que fizesse uma muralha.

Entretanto passou a noite sem que apparecesse um unico soldado inimigo. De manhã, quando os habitantes se animarão a sabir, qual não foi a admiração que sentirão vendo que a neve tinha sido elevada pelo vento a uma altura prodigiosa,

occuítando por esse modo ao inimigo a herdade em que se achavão reunidos. Toda a familia dirigio suas vozes de gratidão para o céo.

— Vêde, disse a velha que tinha lido a reza, como Deos elevou a muralha para nos defender do inimigo.

Depôr aos pés de Deos a confiança,
É ter no coração uma esperança.

LVIII

O PÃO

Em uma época de completa carestia, um homem muito rico reunio na sua casa os meninos mais pobres da aldêa.

— Ahi tendes n'esta cesta, disse elle, um pão para cada um de vós, e, emquanto Deos não tiver piedade de nós, tereis todos os dias um pão como esse.

Os meninos lanção-se sobre a cesta. a disputarem quem teria o melhor; e no fim se retirárão sem darem os agradeci-mentos ao seu bemfeitor.

Sómente Fanny, uma pequena menina,

cujos vestidos, se bem que pobrezinhas, comtudo estavam muito assejados, sómente ella ficou de parte, e por ultimo pegou no pãozinho que os outros lhe tinhão deixado; e antes de retirar-se beijou as mãos do rico com viva expressão de reconhecimento.

No dia seguinte os meninos não se mostrarão mais discretos, e a pobre Fanny teve um pão ainda menor que os mais. Quando chegou á casa de sua mãe, que estava doente, ella partio o pãozinho, e de dentro cahirão muitas moedas de prata. A mãe ficou estupefacta e lhe disse :

— Vai depressa levar esse dinheiro ao seu dono ; elle não é nosso, e só por descuido é que o mettêrão no pão.

A menina obedeceu immediatamente ; porém o homem beneficente recusou accital-o, dizendo :

— Leva esse dinheiro, minha filha ; elle te pertence : não foi por descuido que o achaste dentro do pão ; fui eu que do proposito o fiz para te recompensar. Sê

sempre boa e facil de contentar como és :
aquelle que prefere um pãozinho antes do
que a disputa deve por força merecer as
bençãos do céo.

Quem se contenta com pouco
Tem segura felicidade ;
Goza a paz da consciencia
E o amor da divindade.

LIX

O PEDAÇO DE CARNE

Dous criados de um aldeão, Nicoláo e Jorge, conduzião para casa de seu amo algumas carroças de cargas, quando, depois de deixal-as, forão logo á cozinha. Mal tinha o cozinheiro voltado as costas para ir ver um cangirão de cerveja que o astuto Nicoláo roubou um pedaço de carne do caldeirão e metteu na algibeira de Jorge.

— Quando o mestre cozinheiro voltar e perguntar pela carne, disse elle ao seu companheiro, jurarei que não a tenho, e tu farás o mesmo ; d'esse modo o enganaremos.

Logo que o cozinheiro entrou, conheceu a falta que havia da carne, e, olhando com intenção, perguntou aos dous :

— Que fim levou um pedaço de carne que falta n'este caldeirão ?

Ambos responderão como tinham convencido ; o cozinheiro, porém, continuou :

— Tu, Nicoláo, roubaste a carne da pannela, porque tens o punho da camisa cheia de ferragem, e tu, Jorge, a escondeste no bolso, porque ainda pinga-te a gordura d'ella. Envergonhai-vos da vossa culpa e tremei pela vossa má fé ; quando mesmo não fosse descoberta a vossa astucia, Deos a conheceria : nada ha que elle não saiba, e nunca deixa ficar impune o vicio.

Os dous larapios restituirão o roubo, e forão, além d'isso, castigados como merecião.

Se aos homens pódes occultar um erro,
Nunca pódes occultar ao Eterno.

OS TEMPEROS

Um principe, sendo sorprendido na caça por uma tempestade, abrigou-se na cabana mais proxima que encontrou. Vio assentados em roda de uma mesa muitos meninos que comião com o maior appetite um caldo que fervia ainda na escudella : todos elles tinham as faces purpureas e frescas como a rosa.

— Como é possível, disse o principe á mãe dos meninos, que se possa comer com tanto appetite comida tão grosseira, e se possa conservar côres tão lindas e gozar tão boa saude?

— Eu vos digo, senhor, respondeu ella. Ha tres especies de temperos com que eu arranjo a comida : o primeiro é o trabalho com que meus filhos ganhão seu pão ; o segundo, a regra de nunca comerem outras glotonices ; e finalmente o preceito de se contentarem com o que possuem.

O trabalho nos alegra o corpo e a vida,
E é o melhor dos temperos na comida

LXI

O MANJAR EXTRAORDINARIO

Um mercador convidou seus amigos a jantarem em uma casa de campo situada á borda do mar, promettendo dar-lhes lampreias e outros peixes muito raros. Servida a mesa e findos alguns pratos. trouxerão um maior que todos, completamente coberto, que, na supposição dos convivas, era o que encerrava as lampreias ; qual não foi, porém, o pasmo de todos, quando, descoberto, virão algumas peças de ouro sómente.

— Meus amigos, disse-lhes o mercador, as lampreias que vos offereci estão este anno por um valor exorbitante. Lembrei-me haver n'esta aldêa um trabalhador muito doente, e que experimenta com seus filhos os rigores da fome. Elles viverião pelo menos seis mezes abrigados da penuria com o dinheiro que custarião as lampreias ; se vós consentirdes, eu lhes darei esse dinheiro em vosso nome ; se

preferis, porém, os peixes, eu os maudarei vir e preparar quanto antes.

Todos os convivas applaudirão a proposição de dar-se o dinheiro ao doente, ajuntando cada um uma peça de ouro ás que estavam no prato, e o pobre indigente vio-se assim livre da miseria por mais de um anno.

Não gasteis nunca um ceutil de cobre Inutilmente; dail-o antes ao pobre.

XLII

A FERRADURA

Um lavrador, andando um dia pelo campo com seu filho Thomaz, lhe disse de repente :

— Vês alli no chão aquella ferradura ? apanha-a e guarda-a na algibeira.

— Qual! disse Thomaz, não vale a pena abaixar-me para apanhar isso.

O velho não respondeu-lhe, apanhou o ferro e guardou-o no bolso. Mais adiante o vendeu a um ferrador e comprou cercas. Continuarão a caminhar.

O sol estava abrasador, não havia nem uma casa, nem sombra. Thomaz morria de sede e já difficilmente acompanhava seu pai. Esse deixou cahir uma cereja como por acaso. Thomaz apanhou-a com tanta avidéz como se fosse ouro, e levou-a immediatamente á boca. A alguns passos mais cahio outra cereja. Thomaz apanhou-a com a mesma sofreguidão, e assim as foi apanhando até que se acabárão. Então o velho lhe disse sorrindo :

— Vês agora que se te houvesse abaixado uma só vez para apanhar a ferradura, não o farias mais de cem vezes pelas cerejas.

Quantas vezes nosso peito
Se curva a dura agonia,
Por um bem que abandonamos,
Nunca lhe dando valia!

LXIII

O PREGO

Um aldeão sellou um dia seu cavallo para ir á aldêa vizinha ; antes de montar, vio que lhe faltava um prego na ferradura.

— Um prego de mais ou de menos, não faz mal, disse elle.

Depois de andar algum tempo, vio o cavallo manquejar.

— Se tivesse por aqui um ferrador, eu o mandaria ferrar; porém já agora elle irá com os tres pregos que lhe restão, como iria se tivesse mais um.

Entretanto o cavallo ferio-se e pouco podia andar. De repente dous ladrões apparecem, querendo despojar ao pobre homem. Elle nada podia fazer. Roubárão-lhe o cavallo, a sella, e até a mala que levava na garupa. Vendo-se obrigado a voltar a pé para casa, dizia elle tristemente:

— Oh! nunca julguei que pela falta de um prego perderia o meu cavallo.

Este conto tem grande applicação a muitos factos da vida d'este mundo, e tambem aos da vida eterna.

Nunca deixes para logo
O que podes fazer já.
Quantas vezes um minuto
Mágoas pungentes nos dá!

LXIV

O ANZOL DE OURO

Um príncipe teve desejos de pescar : mandou que lhe fizessem um anzol de ouro, com o seu competente caniço e a linha. Chegando á borda do mar, lançou o anzol e logo apanhou um peixinho; lançou-o novamente, e um peixe maior arrebitou o fio de seda e carregou o anzol.

— Como! disse o príncipe, perdi o meu anzol de ouro em troco de um peixinho tão miseravel ! Quero agora um anzol de ferro, porque é bem louco quem arrisca muito com a esperança de ganhar pouco.

As palavras do príncipe são hoje, um proverbio que se applica a todos os jogos, principalmente aos de loteria.

A's vezes um rico e immenso thesouro
Ao dono só serve de escarneo e des-
[douro.

LXV

A FRAUTA

Um rei tinha na sua côrte um thesoureiro que de simples pastor se havia ele-

vado a essa alta posição. Calumniado pelos cortezãos, disserão ao monarcha que elle tinha muitos thesouros da corôa escondidos em uma caverna fechada com uma porta de ferro. O rei foi visitar o thesoureiro, correu todo o seu palacio, e, chegando junto da porta denunciada, mandou que a abrissem immediatamente. Qual foi a sua surpresa, porém, vendo entre as quatro paredes uma mesa rustica, e sobre ella uma frauta, um cajado e um pandeiro! A janella do quarto dava sobre um prado florido e sobre montanhas cobertas de espessos arvoredos.

— Durante a minha juventude, disse o thesoureiro, guardei rebanhos. Foste tu, ó grande rei, que me chamaste para a corte. Nunca se passou um dia sem que eu viesse estar uma hora n'este lugar; aqui vinhão-me á reminiscencia todos os prazeres que gozei nos primeiros dias da minha existencia, e repetia as canções que outr'ora entoei em louvor do Creator quando pastorava o meu rebanho. Deixa-

me voltar para os campos que herdei de meus pais : mais doce será a minha felicidade n'aquelle retiro do que no esplendor de tua côrte, ó rei!

O monarcha, justamente indignado contra aquelles que tinham calumniado um homem tão honrado, abraçou-o com emoção, pedindo-lhe que nunca o abandonasse.

No mundo não queiras sómente a opulência :
Felizes nos torna sómente a innocencia.

LXVI

O ALFORGE

Melchior caminhava para o campo, carregando sobre as costas um alforge muito cheio. Ao seu lado ia Casimiro. Melchior não fallava senão dos defeitos alheios, sem nuncar tocar nos seus.

— Segundo me parece, lhe disse Casimiro, vos tendes os defeitos alheios adiante do vosso alforge, porque os tendes sempre de vista para censurar, ao passo que lançais os vossos para as costas, afim de

não os verdes. Ora pois, voltaí o sacco, que tereis muito maior proveito com isso.

LXVII

AS SETE BENGALAS

Um aldeão tinha sete filhos que não vi-vião em harmonia, perdendo em longas disputas o tempo que poderião aproveitar com mais utilidade. Alguns individuos aprazião-se em augmentar a discordia entre elles, com o fito de aproveitarem-se da sua herança depois da morte do pai. Este, conhecendo o engodo que armavão a seus filhos, chamou-os um dia, e na sua presença atou sete bengalas em um feixe, dizendo-lhes :

— Aquelle de vós que puder quebrar este feixe receberá immediatamente das minhas mãos cem escudos.

Embalde tentárão vãos esforços, e finalmente disserão ao pai :

- Isto não é possível.

o velho desatou o feixe e com facilidade quebrou as bengalas uma a uma.

— Na verdade, disserão os rapazes, assim não ha nada mais facil; até uma criança seria capaz de fazer a mesma cousa.

— Queridos filhos, replicou-lhes o pai, comvosco acontecerá o mesmo que acontece com estas bengalas : enquanto estiverdes reunidos e vos ajudardes reciprocamente, ninguem poderá opprimir-vos ; mas desde que os laços da boa intelligencia romperem-se, acontecer-vos-ha o mesmo que a estas bengalas, partidas e dispersas pelo chão.

Horriavel desgraça persegue o casal
Onde a união não é bem real.

LXVIII

O ESPELHO

Antonio e sua irmã Paulina virão um dia na janella o espelho de sua mãe e corêrão a mirar-se n'elle. Antonio era muito formoso e sorria-se com doce complacencia á sua imagem. Paulina, a quem a bexiga tinha desfigurado o rosto, chorou amar-

gamente vendo seu semblante. Chegando a mãe n'esse momento, exclamou :

— Meu querido Antonio, não te enchas de orgulho por uma belleza passageira, e toma cuidado em não destruil-a antes do tempo com paixões culpadas. Tu, minha Paulina, consola-te pensando que ha alguma cousa superior á belleza do corpo, e procura substituil-a pela belleza da alma.

Bem como no campo a flôr se desfolha
Lastrando por terra seus lindos fulgores,
Assim a belleza tambem se desbota
Se á alma não une seus meigos odores.

LXIX

○ RETRATO

Morreu ha muitos seculos, em uma grande cidade, um mercador que deixou bens consideraveis. Sabia-se ter elle um unico filho, porém ninguem o conhecia. Passados alguns annos, apparecêrão tres moços, pretendendo cada qual ser o verdadeiro herdeiro e o unico filho do mercador. O juiz mandou que lhe trouxessem

um retrato do defunto, muito parecido, e disse aos tres :

— A herança pertence áquelle que ferir com uma flecha o alvo que eu vou fazer no coração d'este retrato.

O primeiro atirou quasi no ponto ; o segundo approximou-se ainda mais ; o terceiro fez a pontaria ; porém, tremulo e com as lagrimas nos olhos, atirou para longe de si as flechas, exclamando :

— Oh ! não ! mil vezes perca semelhante herança do que ferir o coração de meu pai !

— Nobre mancebo, disse o juiz, tu és o verdadeiro filho e o legitimo herdeiro. Os dous que atirarão com tanta perfeição são meramente uns impostores. Ainda mesmo em pintura, um filho não deve ferir o coração de seu pai.

Nada mais bello na vida
Do que o amor filial.
Tudo mais desaparece ;
Só elle vive e é real.

LXX

O MAIS BELLO ORNAMENTO

Um mercador de sedas chegou ao castello em que morava a menina Isabel. Sua mãe deu-lhe licença para escolher a seda que quizesse para um vestido. Indecisa, porém, na cor, ella disse á mãe :

— Querida mamã, dize-me qual das cores assenta-me melhor, a verde, a azul ou a amarella?

— Minha filha, respondeu ella sorrindo, eu acho que é a côr branca, porque é a côr da innocencia, e a carmesim, que é a côr da modestia.

Da virgem formosa e casta
A virtude e a singeleza
São as vestes preciosas
Que mais realção a belleza.

LXXI

A BOCETA DE OURO

Um coronel mostrou a alguns officiaes que jantavão na sua casa, uma boceta de ouro que tinha comprado n'aquelle dia.

Alguns momentos depois, querendo tomar uma pitada, procurou-a no bolso e não a encontrou.

— Senhores, disse aos convivas, tende a condescendencia de ver se por acaso algum de vós a guardaria distrahidamente.

Todos se erguêrão logo, remexendo os bolsos, sem que apparecesse a boceta.

Um alferes, cujo embaraço era visivel, foi o unico a conservar-se assentado e a não querer remexer o bolso.

— Dou a minha palavra de honra, disse elle, que não a tenho ; isto é bastante.

Entretanto seus camaradas não o acreditárão, e se separárão duvidosos.

No dia seguinte muito cedo o coronel mandou chamar o alferes e lhe disse :

— Achei a boceta, que tinha cahido entre as dobras da minha roupa. Por que motivo deixastes hontem de mostrar a algibeira, quando os outros não recusarão!

— Senhor coronel, respondeu o moço, o motivo, sómente vos direi em confiança. Sendo meus pais muito pobres, eu lhes dou a metade do meu soldo e por isso nunca posso ter um bom jantar. Quando me fizestes a honra de convidar, eu já tinha o meu jantar no bolso. Julgai da minha confusão se fizesse cahir uma salchicha e um pedaço de pão de rala!

— Vós sois um excellente filho, disse-lhe o coronel enternecido por essa confidencia. De hoje em diante, para que continueis a ajudar vossa familia, e possais viver mais commodamente, to los os dias comereis comigo.

Dizendo isso, acompanhou-o á sala de jantar, e, em presença de todos os officiaes, deu-lhe a boceta de ouro como uma prova de estima.

Um filho por seus pais sempre extremoso
Nunca póde deixar de ser ditoso.

LXXII

O RELOGIO DE PRATA

Um pobre estudante, chamado Ernesto, dormia no banco de um moinho, que lhe servia de leito. Acordando á meia-noite, ouviu um pequeno ruido na parede junto do banco. Lançou os olhos e vio dependurado um relógio de prata.

Sentio um desejo irresistivel de rouba-lo e fugir depois pela janella. Sua consciencia entretanto lhe disse que se conservasse sem aquella macula. A tentação quasi que o lançava no caminho do mal. Ernesto fugio de casa espavorido ; mas, depois de dar alguns passos, arrependeu-se de não ter tirado o relógio e quiz voltar ; pela segunda vez a consciencia predominou á tentação.

Errou assim muito tempo pelo meio do campo, até que, exausto de cansaço, adormeceu sobre um pequeno outeiro.

Ainda era muito cedo quando despertou ouvindo gritos horriveis, e grande foi o seu terror abrindo os olhos. Elle tinha adormecido debaixo de um cadaver : acima de sua cabeça estava enforcado um ladrão, em torno do qual esvoaçavão os abutres. Uma voz intima parecia dizer-lhe :

« Vê qual seria o teu fim se te deixasses seduzir pelo roubo. »

Cheio de terror, e convencido de que Deos sómente o livrára d'aquelle perigo, Ernesto prostrou-se de joelhos e rendeu-lhe mil graças.

Faz, meuDeos, com que minh' alma
Colha sempre da virtude a palma.

LXXIII

A BOLSA

I

Norberto, o filho de um pobre carvoeiro, chorava amargamente, assentado debaixo de uma arvore. Um fidalgo, vestido de verde e com uma estrella de ouro sobre o peito, caçava justamente no mesmo lugar.

Quando vio o menino, perguntou-lhe porque chorava tanto. Este respondeu-lhe :

— Oh! senhor, ha muito tempo que minha mãe acha-se doente, e meu pai enviou-me á cidade para pagar o boticario; por minha desgraça perdi no caminho a bolsa e o dinheiro que ella continha.

— Será esta? disse o caçador fazendo um signal ao criado que o acompanhava, e que apresentou ao menino uma bella malha cheia de ouro.

— Não, senhor : a minha não continha tanto ouro como esta ; tinha pouco valor.

— Será então esta, replicou o caçador mostrando-lhe uma outra bolsa muito velha.

— Oh! sim! bradou o menino transportado de alegria; é ella mesma!

— Meu filho, lhe disse o caçador; eu te faço presente d'esta outra, com o dinheiro que ella contém, como uma recompensa da tua confiança em Deos e da tua probidade.

Assim como a reza consola os tormentos
Nos dá a virtude suaves momentos.

II

Um outro rapaz, chamado Estevão, ouviu contar este caso. Logo que o caçador, que era um príncipe, voltou á floresta, o velhaquete principiou a gritar dolorosamente.

— A minha bolsa! a minha bolsa! eu perdi a minha bolsa!

O príncipe se approximou d'elle, e mostrando-lhe uma cheia de ouro. perguntou-lhe:

— Será esta?

— Sim! exclamou, é ella! é ella mesma! E estendia as mãos para apanhal-a.

O criado, que estava ao lado do príncipe, disse lhe encolerizado:

— Descarado! como ousas enganar assim o meu príncipe? Espera, que te dou uma recompensa diversa da que esperavas.

E, cortando uma vara de avelleira, deu-lhe o castigo que justamente merecia.

A má fé e a virtude fementida
As vezes é por si mesma punida.

LXXIV

O ESCUDO

Um piedoso lavrador, chamado Fridolin, tinha um criado que muito facilmente se encolerisava, tratando todos com a maior grosseria. Seu amo pedia-lhe muitas vezes que se corrigisse.

— Não é possível, respondia-lhe elle, eu tenho muita raiva dos homens e dos animaes.

Uma manhã Fridolin lhe disse :

— Tu vêes, Matheus, este escudo tão bello e tão novo; se durante todo o dia te mostrares bom e paciente, não deixando escapar de tua boca uma expressão colerica, eu te darei elle á noite.

O criado aceitou a proposta.

Os seus camaradas ajustarão-se para fazê-lo perder o escudo; porém debalde esgotarão todos os meios para zangal-o.

A noite Fridolin' lhe entregou o escudo, dizendo :

— Não coras, Matheus, por venceres tua colera com a ambição de uma miseravel recompensa, no emtanto que o não tens feito até hoje pelo amor de Deos e do bem?

Matheus compenetrou-se d'esta admoestação, e d'ahi em diante mostrou-se tão calmo e paciente como outr'ora arrebatado e colerico.

Nada é impossivel na vida
Se temos fé no Senhor,
Se a virtude nos alenta
Com o seu ba'lo animador.

LXXV

A MAI PIEDOSA E SEUS DOUS FILHOS

Uma viuva pobre e enferma via-se ha muito tempo privada de assistir ao culto divino, sentindo duplamente essa falta pela pureza com que amava tão celeste cerimonia. Muitas vezes nos domingos ella dizia a seus filhos :

— Como eu seria feliz se pudesse assistir á missa! É muito longe o templo, e não tenho forças para caminhar.

Depois d'essas palavras tornava-se triste, porque dava o verdadeiro valor ás reuniões da igreja.

Seus filhos, a quem tinha educado no santo amor da religião, e que procuravão todos os meios de mostrar-lhe o seu amor, resolvêrão causar-lhe uma doce surpresa.

Fizerão com algumas taboas e uma cadeira uma especie de liteira, onde collocarão sua velha mãe, e assim a levárão á igreja, distante uma legua da herdade em que moravão, situada no declive de uma montanha.

Todos sentirão-se commovidos pela dedicação filial d'esses meninos, e semeárão flôres pelo caminho que tinhão de seguir, e essas flôres tornárão-se a imagem das bençãos que Deos derramava sobre esta interessante familia.

A piedade sincera é a primeira das virtudes e a fonte da verdadeira felicidade:

exercendo-a, é que os pais dispoem seus filhos para a verdadeira sabedoria, e que os filhos achão meios de se lhes mostrarem reconhecidos.

AS LAGARTA

Vendo um fazendeiro algumas lagartas sobre uma folha, ordenou a seu filho que as extinguisse antes de darem fructos os arvoredos. Este, em vez de obedecer immediatamente a seu pai, deixou para o dia seguinte o trabalho; e assim de um dia para o outro, até que, indo ao jardim, as vio multiplicadas por todas as arvores, e perdida a esperança de darem fructos n'aquelle anno.

Existem habitos e defeitos tão perniciosos como os insectos maleficos. Se emquanto é cedo se tenta extirpal-os, é facil obter a sua cura; porém, uma vez enraizados, é baldada a esperança.

Despem a alma das suas boas qualida-

des, e a tornão incapaz de fructificar a virtude e a sabedoria.

LXXVII

CAIXINHA MARAVILHOSA

Uma boa mãe de familia soffria todos os dias muitas perdas em casa, e a sua fortuna de anno a anno desapparecia, quando deliberou-se consultar um solitario que morava na floresta. Depois de ouvi-la, o solitario retirou-se por instantes, e, depondo nas suas mãos uma caixinha fechada, lhe disse :

— Durante um anno deveis levar esta caixinha á vossa cozinha, á despensa e á estrebaria quatro vezes de dia e cutras quatro de noite ; no fim do anno vós m'a restituireis.

A boa mulher, que tinha fé na mysteriosa caixinha, seguiu os conselhos do solitario. Indo pela manhã á despensa, surpreendeu um criado roubando-lhe um cangirão de cerveja. Apresentando-se á meia noite na cozinha, achou os criados

em uma grande festança. Nas estrebarias estavam as vaccas quasi que enterradas no esterco, e os cavallos, em vez de avêa, tinham unicamente feno ; o criado não os tinha almofaçado. D'essa maneira ella corrigia diariamente novos abusos. No fim do anno voltou á casa do solitario com a caixinha, pedindo que a deixasse mais tempo nas suas mãos, porque encerrava um remedio muito precioso. O eremita disse-lhe rindo :

— Não posso dar-vos a caixinha ; porém não ponho duvida em dar-vos o remedio que ella contém.

E abrindo-a immediatamente, tirou de dentro um papel que continha as seguintes palavras :

Nunca deixes com teus olhos
De cuidar nos teus haveres ;
Só assim talvez tu possas
Alcançar melhores teres.

LXXVIII

O PRINCIPE PIEDOSO

Um principe, vendo-se obrigado a fugir

durante a guerra, andava acompanhado de um unico criado já velho, ambos vestidos com muita pobreza para não serem conhecidos.

Uma noite chegarão muito tarde a uma fazenda situada nas montanhas, onde pedirão agasalho. O principe não pôde dormir, cheio de temores de ser descoberto pelo inimigo, e vendo-se exaurido de dinheiro. Ergueu-se do leito, e, prostrado de joelhos, exclamou no excesso da dôr : « Meu Deos! tem piedade de um principe tão desgraçado! »

Estas palavras forão ouvidas pelo fazendeiro, que de manhã disse ao criado :

— Eu sei que vosso amo é um principe; dissei-me a causa da sua melancolia e das suas desgraças.

O criado confessou a verdade, pedindo-lhe encarecidamente que os não trahisse. No instante em que o principe dispunha-se a partir, o fazendeiro entrou respeitosamente no quarto e lhe disse :

— Principe, a vossa supplica esta noite

revelou-me o vosso segredo e a vossa triste situação; permittí que vos offereça estas vinte peças de ouro, até que vossa fortuna mude de face; tambem vos guiarei por um caminho onde sem risco algum podereis chegar ao vosso destino.

O principe, vivamente penhorado, agradeceu tantos favores, e rendeu mil graças ao Creador, que tão piedosamente attendeu ás suas supplicas.

Chegou sem difficuldades á casa de um dos seus parentes, d'onde recompensou com magnificencia o honrado lavrador.

Quando soffreres, implora
Que te alente o Creador:
Sentirás no peito allivio
E menos pungir-te a dôr!

LXXIX

O PASTOR PIEDOSO

Em uma formosa tarde do mez de Maio, quando tudo se orna de verduras e de flores, o joven Wandelin pastorava o seu rebanho. Tristemente corrião-lhe as lagrimas pelas faces, parado junto de uma

cerca de espinhos entrelaçada de flôres. O pequeno Luiz, sahindo da floresta onde andava caçando, perguntou-lhe porque chorava.

— Ah! exclamou elle, eu acabo de ver um horrivel sapo deitado n'aquelle charco.

— Como! exclamou o outro, tu choras por uma cousa tão insignificante?

— Escuta, lhe disse Wandelin: vendo esse animal tão horrivel e repugnante, arrastando-se penivelmente por terra, sem nunca ter uma idéa do Creador, e vivendo constantemente perseguido pelos homens, passando a mór parte da vida nas covas escuras e na lama, até que um dia morra, eu reflectia comigo:

« Tu, que tens a elegancia e altivez do homem, que possues a faculdade de observar, que podes considerar o céu e as flôres, que conheces a immortalidade de tua alma, dize-me porque nunca rendeste graças ao Creador pelos dons que te facultou? » Reflectindo d'este modo, e pen-

sando na minha ingratição, não pude reter as lagrimas.

Luiz, commovido por essas palavras, nunca mais as esqueceu na sua vida ; na velhice ainda as repetia a seus filhos, e accrescentava : « Quando mesmo os animaes os mais repugnantes não tivessem nenhuma utilidade, possuem uma de que sempre nos podemos aproveitar. São elles que nos ensinão a apreciar melhor os privilegios concedidos ao homem, privilegios esses com que Deos collocou-o no mundo em uma posição superior a todos os seres com que elle povoou a terra.

Quem não lança aos pés de Deos
Sua inteira adoração,
Não merece ser um homem,
Não lhe pulsa o coração.

LXXX

○ PEQUENO CESTEIRO

O joven Eduardo tinha parentes muito ricos, e, confiado na fortuna, nunco quiz dedicar-se ao trabalho ; Diogo, ao contrario, filho de um dos seus vizinhos, era

muito laborioso e aprendeu com um grande desvelo a fazer cestas. Um dia que Eduardo pescava por distracção á borda do lago, e Diogo voltava para casa com um feixe de ramos de salgueiro, forão sorprendidos por corsarios, que os levárão para um navio, afim de vendêl-os como escravos. O navio, impellido por forte temporal, bateu de encontro a uma ilha e sossobrou; sómente os dous meninos puderão salvar-se; a ilha era habitada por Mouros crueis, em cujo poder elles cahirão.

Diogo lembrou-se de mostrar a sua industria, e, afinando com o seu cutello alguns ramos de salgueiro, fez uma linda cesta, que offereceu ao chefe dos Mouros. Era grande o concurso de homens, meninos e mulheres, que se reunião para vêl-o trabalhar, desejando cada qual possuir um cestinha d'aquellas. Derão a Diogo uma bella choupana sombreada de arvedos cheios de fructos. Pedirão depois a Eduardo que fizesse, como seu compa-

nheiro, um trabalho d'aquelles ; e como vissem a sua ignorancia, martyrisárão-o de pancadas, e têt-o-hião morto se Diogo não se interessasse por sua sorte, não podendo comtudo privar que lhe despissem os seus finos trajos por outros grosseiros, e o obrigassem a servir-lhes como criado.

No mais longinquo paiz
Quem trabalha é mui feliz.

LXXXV

OS PEQUENOS BATELEIROS

I

Valentim, menino de um character muito leviano, conduzio seu irmãozinho Felipe á borda de um rio, entrou com elle em um barquinho e deixou a margem. A correnteza do rio impellio rapidamente a embarcação contra os rochedos, onde ella partio-se inteiramente. Valentim nadou com esforço em roda do penhasco, porém debalde : não pôde alcançal-o. Felipe foi arrastado pela agua.

Um pescador, que ouviu os gritos dos dous innocentes meninos, atirou-se ao rio, e com perigo de sua vida teve a inexprimivel fortuna de salvar ao pequeno Felippe.

Quem tem no seio a virtude
Nunca receia morrer ;
Pelos outros sacrifica
A sua vida e o seu ter.

II

No emtanto que seu irmão se salvava, Valentim se afogava desgraçadamente. As pessoas que presenciárão tudo, e que se tinham agrupado na margem do rio, perguntárão ao pescador, por que motivo, tendo elle podido salvar a ambos os meninos, tinha arriscado sua vida sómente por Felippe. O pescador respondeu :

— O pequeno e máo Valentim roubou muitas vezes o meu peixe e os meus caranguejos, tendo outras tantas a maldade de estragar as minhas rêdes. O bom Felippe, ao contrario, muitas vezes repartio comigo a sua merenda, e deu-me algum

dinheiro quando estive doente e não podia ganhar a minha vida. Dizei-me, pois, não teríeis, como eu, salvado em primeiro lugar a vida d'este menino ?

Sempre o vicio e a virtude
Se conservão em opposição :
Um recebe o castigo,
Tem a outra o galardão.

LXXXII

O CEGO

André, o joven cego, voltava um dia da igreja, caminhando com muito vagar e precaução, sondando o terreno por onde passava com o seu bordão. Lucas, camponez astucioso e malevolo, principiou a mofar d'elle, gritando-lhe :

— Apostemos dez escudos como eu chego primeiro do que vós !

— Aceito, disse-lhe o cego, se me deixardes a escolha do lugar e da hora.

Lucas aceitou sorrindo-se, e tomou todos os assistentes como testemunhas.

— Pois bem, replicou André, hoje á

meia-noite veremos qual dos dous chega primeiro á cidade.

Exactamente a essa hora puzerão-se ambos a caminho. O tempo era tempestuoso e profunda a escuridão. O caminho atravessava uma espessa floresta. André, para quem as noites e os dias são iguaes, chegou antes de raiar a aurora á cidade. Lucas no emtanto perdeu-se na floresta, ora batendo a fronte de encontro ás arvores, ora cabindo emmaranhado nas raizes e nos mattos rasteiros e cipoaes. Chegou á cidade quando o sol já alto se erguia acima do horizonte.

Assim pagou elle os dez escudos da sua aposta. Maior devia ser, dizião todos, a punição que merecia pela sua fatuidade.

Nunca zombes dos defeitos
E das desgraças de alguém :
Pódes soffrer um castigo
Que muitos males contem.

LXXXIII

OS DOUS VIAJANTES



Dous viajantes, Alberto e Bruno, seguião socegradamente o seu caminho. O primeiro achou na estrada uma bolsa cheia de ouro.

— Camarada, lhe disse Bruno, dividamos amigavelmente o achado.

— Deos me livre! disse Alberto. Fui eu que achei, e por consequente ella me pertence.

Dizendo isto, metteu o dinheiro no bolso, rindo-se de contente, enquanto Bruno seguia melancolico ao seu lado. De repente appareceu um ladrão com a espada nua na mão. Alberto empallideceu como um cadaver.

— Camarada, bradou elle, defendam-nos mutuamente : um homem não poderá facilmente contra dous ; puxai a espada como eu.

— Deos me livre ! respondeu-lhe Bruno. Eu não tenho nada que cobice o ladrão. Guardastes o dinheiro para vós só ; assim defendei-vos sózinho.

Vencido pelo ladrão, Alberto ficou sem a bolsa, e ainda peor, com algumas feridas de mais.

Não recuses fazer bem,
Se o desejas tambem.

LXXXIV

O CARVOEIRO E O LAVADEIRO

Um carvoeiro disse a um lavadeiro que procurava quarto para alugar :

— Vinde morar na minha casa : ella é bastante commoda para guardar as vossas e as minhas mercadorias.

— Não é possível, respondeu o lavadeiro : vossos carvões ennegrecerão a roupa que me deu tanto trabalho para alvejar.

— Tendes razão, disse rindo-se o carvoeiro, o branco e o negro não se unem bem. O que acontece com o carvão que ennegrece o branco acontece com as almas puras em contacto com as más.

Se queres conservar tua pureza,
Foge sempre do máo e da baixeza.

LXXXV

O MOLEIRO E O ASNO

Um moleiro e seu filho acompanhavão a pé um asno que ião vender na estalagem vizinha. Encontrárão um sujeito que lhes disse :

— Sois parvos de certo ! deixais o asno ir á vontade, no emtanto que um de vós podia ir montado e o outro a pé ?

O filho montou immediatamente.

Um outro sujeito, por quem passarão, exclamou apostrophando :

— O' maroto! não tens vergonha de ver teu pai a pé emquanto vais ahi tão á vontade?

O menino desceu e o velho tomou o lugar.

Um camponez, que passava com uma cesta de fructos, gritou para o companheiro :

— Vê aquelle velho, como vai repimpado no asno, emquanto seu filhinho aguenta a maçada de acompanhal-o, sujando-se de lama!

O menino montou na garupa do asno.

— Ah! pobre animal! bradou um pastor que guardava rebanhos. Vós sois bem deshumanos!

Ambos se apeárão, e o menino, cheio de despeito, disse ao pai :

— O que faremos nós para satisfazer-mos o mundo? Carregaremos o asno amarrado em um páo, ou deveremos ir afogal-o alli em baixo na ribeira.

— Agora vejo, meu filho, respondeu o velho, que não se póde satisfazer a todos, e nada é mais sabio do que este conselho :

Não te importe um fallar que illude;
Segue sempre o caminho da virtude.

LXXXVI

O CAÇADOR E SEU CÃO



Um caçador, perseguindo uma lebre, excitava o seu cão contra ella, gritando :
Apanha! apanha! E o cão tanto fez, que

por fim apanhou-a e prendeu-a com os dentes. Chegando o caçador, pegou na lebre e disse ao cão : *Solta ! solta !* Este deixou-a logo, e elle a metteu no sacco da caça.

Muitas pessoas da aldêa assistião á caçada, e entre ellas um velho camponez, que disse ás outras :

— O avarento se parece com o cão. A avareza lhe brada : *Apanha ! apanha !* e o homem fascinado não sabe o que deva fazer, e corre com todas as suas forças atrás dos bens terrestres. A Morte vem por fim e diz : *Solta ! solta !* e o pobre homem abandona, sem ter gozado, os bens que tanto trabalho lhe derão por adquirir.

Seja a nossa fortuna de tal sorte,
Que só d'ella nos separe a morte.

LXXXVII

A ORGULHOSA

Uma moça, chamada Gertrudes, habitava sumptuoso castello, e tinha orgulho excessivo e desmedido da sua nobreza.

Maria, a filha de um pobre pedreiro procurou-a e lhe disse :

— Meu pai se acha ás portas da morte e vos pede encarecidamente para ir á sua casa, pois tem grandes e valiosos segredos a comunicar-vos.

— Ajuizo que cousas serão essas e o que terá um pobre diabo como elle para dizer-me ! Eu nunca entrarei em uma cabana tão miseravel. Pòde retirar-se.

Alguns instantes depois, Maria voltou a correr, gritando :

— Vinde, senhora, vinde rapidamente ! Durante a guerra vossa fallecida mãe enterrou em um dos muros do castello uma grande quantidade de ouro e de prata. Ella pedio a meu pai que sómente vos revelasse este segredo quando tivesseis vinte e seis annos ; porém a morte se approxima e elle não pòde esperar mais tempo.

Gertrudes correu com todas as suas forças para a cabana ; porém no momento de entrar no quarto do bom homem e

acabava de expirar. Ella quasi que enlouqueceu de colera e de despeito. Mændou deitar abaixo grande numero de paredes ; mas debalde : não descobrio o thesouro.

Toda a sua vida arrependeu-se de ter perturbado os ultimos instantes do pobre pedreiro, e de ter por suas proprias mãos destruido tão grandes riquezas.

Do orgulho vão te afastes com terro,
Pois de muitas desgraças é o autor.

LXXXVIII

A MENDIGA

Em tempo de extrema penuria, uma estrangeira percorria certa aldêa, implorando esmolas. Se bem que vestida com muita pobreza, suas roupas erão asseadas.

Em muitas casas foi duramente repellido, e em outras derão-lhe muito pouco ; sómente um pobre aldeão fêl-a entrar para a sua cabana, afim de aquecer-se, pois que o frio era extremamente rigoroso. Sua mulher, tão caridosa como elle, deu-

lhe um bom pedaço do bolo que n'aquelle momento tirava do forno.

No dia seguinte todas as pessoas em cujas casas a estrangeira tinha estado forão convidadas a jantarem no castello vizinho.

Ao entrarem na sala de jantar, virão uma pequena mesa coberta dos mais delicados e deliciosos manjares, e uma outra, muito maior, contendo alguns pedaços de pão negro, algumas batatas e punhados de sal. Quasi todos os outros pratos estavam vazios.

— Era eu a pobre mendiga de hontem, disse em altas vozes a dona do castello. Disfarcei-me assim para conhecer a caridade de todos em um tempo de tanta miseria para os pobres. Essa boa familia, accrescentou mostrando o camponez e sua mulher, foi a unica que me tratou do melhor modo possivel ; por isso eu a escolhi para jantar hoje comigo, e para estabelecer-lhe uma pensão ; quanto a vós, contentai-vos com o que vêdes n'esses pratos, pois foi justamente o que hontem

me destes, e lembrai-vos de que assim sereis um dia tratados no outro mundo.

Semêa na terra o bem,
E nunca olhes a quem.

LXXXIX

O LADRÃO DE PORCO

Dous conductores de um urso chegarão certa noite em uma aldêa e forão perncitar em uma hospedaria. O dono, que n'aquelle dia tinha vendido o seu porco, fechou o urso no chiqueiro, que estava vazio. A meia-noite um ladrão, suppondo o porco ainda alli, entrou mansamente em casa, e, abrindo a porta do chiqueiro, apanhou na escuridão o urso ; este lançou-se de um pulo sobre o ladrão, e fincou-lhe as unhas de tal maneira, que, correndo toda a gente de casa aos seus gritos, foi com extrema difficuldade que os donos do urso o livrarão das garras do terrível animal, para entregal-o á justiça.

Muitas vezes o máo recebe o premio
Do mal immenso que causou tambem ;

Nunca pôde, sobranceiro o vicio,
Da virtude zombar com vão desdem!

XO

OS TRES LADRÕES

Tres ladrões assassinarão e despojarão um mercador que atravessava o bosque com grande quantidade de prata e de objectos preciosos. Transportarão para sua caverna o thesouro tão mal adquirido, e mandarão o mais moço d'elles comprar viveres na cidade vizinha. Apenas partito, disserão os dous :

— Para o que havemos de dar metade d'essa riqueza áquelle tolo? Vamos matal-o apenas chegue, e a sua parte nos tocará.

O outro, emquanto caminhava para a cidade, dizia comsigo : « Que fortuna se toda aquella riqueza fosse minha ! » E, apenas comprou os viveres, lançou veneno no vinho e voltou para a caverna.

Mal tinha dado dous passos dentro d'ella, quando cahio apunhalado pelos dous, que

poucas horas depois expirarão também no meio de dôres horriveis, depois de banquetear-se e de beberem o vinho envenenado.

Alguem achou os tres cadaveres circumdados do thesouro tão infamemente amontoado.

A eterna justiça do Senhor
Castiga com o mal ao proprio autor.

XCI

O ANTHROPOPHAGO

Dous meninos da cidade perdêrão-se em um bosque muito escuro e horrivel, e passárão a noite em uma hospedaria isolada e de apparencia desagradavel. Seria meia-noite quando ouvirão fallar baixo no quarto visinho. Ambos, querendo escutar, collárão os ouvidos ao buraco da fechadura, e ouvirão distinctamente estas palavras:

— Minha mulher, limpa bem a panella pela manhã, porque quero matar os dous tolinhos que vierão da cidade.

Os pobres meninos sentirão uma agonia mortal.

O' céos! exclamarão baixinho, este homem é um anthropophago!

E pularão pela janella a fugir; magoárão, porém, os pés, e isso privou-os de andar, além de acharem fechada a porta do páteo. N'esta collisão, entrárão sorratamente pelo chiqueiro, e, escondidos entre os porcos, alli passárão a noite. De manhã muito cedo o estalajadeiro abriu a porta do chiqueiro e principiou a amolar a faca, gritando:

— Vamos, tolos, sahi, que a vossa ultima hora é chegada.

Os dous meninos soltárão gritos lastimosos e supplicavão de joelhos que os não matasse. O bom homem, admirado de achal-os alli, perguntou o motivo por que o tomavão por um anthropophago.

— Nós ouvimos a noite passada dizerdes que a vossa intenção era matar-nos esta manhã.

— Insensatos! exclamou o homem, não

se tratava de vós. Os dous tolinhos da cidade a quem eu me referia erão dous leitões que comprei lá. Vêde o que acontece a quem tem o costume de escutar pelas portas. Lembrai-vos bem d'estes versos :

Nas portas nunca queiras escutar,
Que pódes muito bem vir a corar !

XCII

O CHARLATÃO

Um viajante muito bem vestido entrou certa noite em uma casa de pasto, onde pediu um frango assado e uma garrafa do melhor vinho. Apenas tinha mettido na boca o primeiro bocado, que principiou a gemer, dizendo soffrer ha mais de quinze dias de uma dôr de dentes insupportavel. Todas as pessoas que alli se achavão lhe testemunhárão grande compaixão.

Alguns instantes depois entrou um empirico, que, se assentando na sala, pediu um copo de aguardente. Depois de informado do estado do estrangeiro, affirmou

que o poria bom com um remedio que tinha. Tirou da sua caixinha de viagem um papel dobrado com todo o cuidado, abriu-o e disse ao estrangeiro :

— Molhai a ponta do dedo, e depois applicai este pó no dente.

O estrangeiro fez exactamente isto e exclamou logo :

— Meu Deos ! que allivio sinto ! a dôr desapareceu !

Chamou o empirico, convidou-o a jantar, e deu-lhe em recompensa um escudo de ouro.

Todas as pessoas que se achavão na casa de pasto, e quasi todos os moradores da aldêa, se apressarão em comprar o pó precioso, e o charlatão vendeu cem papeis d'elle a doze soldos cada um. Muitas pessoas applicarão-o depois para as dôres, e nunca produzio effeito algum. Um dia finalmente descobrirão a impostura dos dous viajantes, que se tinham combinado para enganar a simplicidade dos aldeãos, vendendo-lhes cal com o antidoto contra

as dores de dente. Forão ambos, no fim de alguns dias, expiar em uma prisão essa e outras espertezas do mesmo genero que já tinhão feito.

Dos charlatães tende medo,
Que tentão sempre enganar.
N'um homem que illude sempre
Ninguem se deve fiar.

XCIII

O DESCOBRIDOR DE THESOURO

Certa noite, um homem vestido de maneira muito singular, e trazendo debaixo do braço um grande livro e na mão direita uma varinha branca, procurou o camponez Leonardo para communicar-lhe um importante segredo.

— Existe nos vossos campos um grande thesouro enterrado : se prometteis dividil-o comigo, eu o desenterrarei e vós sereis millionario.

Aceita a proposta, forão ambos para o campo, munidos de enxadas e alviões.

Depois de cavarem um buraco muito

fundo, achárão uma grande caixa, que felizmente puderão conduzir para a casa do aldeão. Apenas chegarão, o desconhecido examinou escrupulosamente a caixa, tocando-a em diversos lugares com a sua varinha, e lendo no livro palavras inintelligíveis.

— Se não quizermos, disse ao camponez, que este ouro se transforme em carvão devemos empregar algumas drogas que eu conheço antes de abrir-se o caixão. Ninguém as possui senão um boticario que mora a dez leguas d'aqui. Supponho que não custarão mais de vinte ducados.

O aldeão que n'aquelle dia tinha vendido o seu cavallo e recebido aquella quantia, deu-a immediatamente ao magico, que se pôz a caminho para nunca mais voltar.

O aldeão esperou muito tempo que voltasse, porém debalde; e quando se decidiu a abrir o caixão, em vez de ouro ou prata, ou mesmo carvão, apenas encontrou pedaços de pedra e um papel com estas palavras:

Quem, folheando a terra, procura um thesou-
Acha sempre mais pedra do que ouro. ^{ro,}

XCIV

O ESPECTRO

Martinho, tendo-se introduzido durante a noite no jardim de um castello, encheu dous saccos de fructos. Tentou carregar um primeiramente. Quando se deslizava junto do muro do jardim, soou meia-noite, e vio de repente um homem negro que carregava tambem outro sacco. Lançou um grito de medo e correu com todas as forças; o homem tambem atirou o sacco no chão, e correu na mesma direcção, acompanhando-o sempre até á extremidade do muro, onde desapareceu. De manhã Martinho contou a todo mundo a historia do fantasma, sem dizer uma palavra sobre o roubo que commetteu. O juiz de paz mandou-o chamar e lhe disse:

— Esta noite roubaste fructos no jardim do castello: os saccos te trahirão, pois que ambos estão com a tua marca: por

isso vou mandar recolher-te á prisão. Quanto ao fantasma negro que viste, era a tua sombra, que se projectava sobre o muro caiado de novo, á claridade da lua que se erguia no horizonte.

A mesma cousa acontece sempre com aquelles que fazem mal: o ruido de uma folha que se agita é bastante para aterral-os e fazel-os fugir de medo.

Se tens a consciencia livre,
Não te curves a um temor pueril.
Sómente treme receioso e foge
Quem na alma tem um sentimento vil.

XCV

O PEREGRINO

Um rico cavalleiro habitava outr'ora um magnifico castello, com cujo embellezamento gastava grandes sommas, sem nunca beneficiar com eilas a ninguem. Chegando um pobre peregrino, pedio pousada e descanso por uma noite. O cavalleiro recusou, dizendo que o seu palacio não era hospedaria.

— Consentí, disse-lhe o peregrino, que vos faça sómente tres perguntas, e depois continuarei a minha jornada.

— Com todo o gosto, respondeu o cavalleiro, e basta isso para que eu vos responda.

— Dizei-me, disse-lhe o velho, quem habitava este castello antes de vós ?

— Era meu pai.

— E antes d'elle ?

— Meu avô.

— E depois de vós quem será ?

— Certamente meu filho, se fôr da vontade de Deos.

— Muito bem, respondeu o peregrino ; se este castello é habitado successivamente, se uns deixão seus lugares para os outros, é evidente que elle é apenas uma hospedaria. Sêdes pois mais prudente : não embellezeis tanto o que não vos pertence ; antes tende mais caridade para com os pobres, e assim obtereis no céu uma habitação eterna.

O cavalleiro seguio os conselhos do

velho peregrino, deu-lhe pousada, e d'ahi em diante foi mais caridoso com os pobres.

Risos, pompas e vaidades,
Tudo desce á sepultura;
Só a virtude é dos bens
O que na terra perdura.

XCVI

O EREMITA

Um príncipe orgulhoso pela sua belleza, assim como pela sua posição e fortuna, foi caçar um dia em lugares desertos e montanhosos. Vio um velho eremita assentado em frente da sua cellula, considerando attentamente uma caveira que tinha entre as mãos. Approximando-se do velho, disse o príncipe com zombaria :

— Porque consideras com tanta attenção esta caveira, e o que pretendes descobrir n'ella ?

O eremita respondeu-lhe com uma estranha severidade :

— Eu quizera saberse é o craneo de um

mendigo ou de um principe ; porém não posso distinguir de quem seja.

Se queres conhecer o valor d'esta vida,
Contempla a morte em uma face esculpida.

XCVII

UMA PESSOA ENTERRADA VIVA

Uma moça morreu na flôr dos annos, na quadra mimosa da sua primavera. Vestida de branco, entrelaçadas de finas perolas suas madeixas, parecia antes uma noiva, refulgindo no dedo rico annel de brilhante. Seus pais quizerão que a entererrassem com os seus mais ricos adornos.

Durante a noite o coveiro penetrou no cemiterio com uma lanterna, e, abrindo a cova, quiz despir o cadaver dos seus ornatos ; este ergueu-se, porem, e, olhando fixamente o ladrão, perguntou-lhe com voz sepulcral :

— O que quereis de mim ?

Cheio de terror, elle fugio rapidamente.

A moça, que suppunhão morta, porém

que só tivera um ataque, sahio do cemiterio, apanhou a lanterna do coveiro, e voltou para sua casa. No momento em que ella entrou, seus pais sentirão-se gelados de terror, que bem rapido se mudou na mais doce e inexprimivel felicidade.

XCVIII

A HERANÇA

Um rico mercador distribuio toda a sua fortuna com seus filhos, com a condição de velarem pelas suas necessidades em quanto fosse vivo.

No começo foi bem tratado; porém pouco a pouco o forão abandonando, até que recusavão-lhe roupa para seu uso.

O pobre velho maldizia-se da sorte, quando de repente um negociante, que lhe devia 20,000 escudos, os restituiu. Immediatamente guardou-os em uma burra de ferro. Os filhos começarão a tratá-lo bem novamente, com a cobiça do dinheiro; e, se bem que não desse

n'aquella occasião, tinham esperança de obtê-lo pela sua morte.

O velho nunca lhes disse uma palavra a esse respeito.

No dia em que falleceu, os filhos correrão ao cofre, para dividirem o dinheiro; porém já tinha sido secretamente offerecido á casa dos engeitados pelo velho, e no seu lugar achárão um papel concebido n'estes termos :

A fortuna quasi sempre.
Para um filho ingrato e impuro,
É o presagio da desgraça
Que lhe sorri no futuro.

XCIX

O SORRISO DO MORIBUNDO

Um piedoso velho, já no leito da agonia, e proximo a soltar o ultimo suspiro, tinha todos os seus filhos e netos reunidos em roda do seu leito. Tres vezes durante o somno um sorriso agradavel tinha roçado seus labios ; depois que desper-

tou, um dos meninos perguntou-lhe o motivo.

— A primeira vez, disse elle, eu so nei que revia na imaginação as horas de felicidade que gozei na minha vida; ri-me então da cegueira dos homens, que se deixão fascinar poressas bolhas de sabão, a que ligão no emtanto uma louca importância. A segunda vez, lembrei-me de todas as mágoas da minha vida, e alegremente lembrando-me de que em breve colherei as rosas, em vez dos espinhos que deixo. A terceira vez, reflectia sobre a morte; sorri de piedade pensando no terror que inspira aos homens esse anjo de Deos, enviado para acabar todos os seus soffrimentos e os conduzir para a mansão das alegrias eternas.

Quem na terra fôr sempre piedoso
Tem no céo um lugar venturoso,

O

OS AMIGOS DEPOIS DA MORTE

Um pai contou um dia a seguinte historia a seus filhos :

— Sendo o governador de uma ilha chamado pelo monarcha para dar contas da sua administração, os amigos em quem depositava a sua maior confiança abandonarão-o totalmente ; alguns outros o acompanharão até o navio ; no emtanto aquelles de quem menos ou nada esperava seguirão-o até o throno do rei, onde fallarão tanto em seu favor que o monarcha tomou-o sob a sua protecção.

— O homem, continuou o pai, possui tres sortes de amigos n'este mundo ; elle, porém, não os conhece perfeitamente senão quando e chamado por Deos a prestar conta das suas acções n'este mundo. Os primeiros d'estes amigos são o dinheiro e os bens terrestres, que o deixão totalmente na hora da morte. Os segundos são

os parentes e os amigos que o acompanhão até o sepulcro. Os terceiros são as suas boas obras; são ellas que o seguem na viagem eterna, e aos pés do Creador pedem para elle a sua graça e misericordia divina.

— Oh! quão insensato é o homem que despreza amigos tão fieis e dedicados!

Na hora extrema da vida
Tudo nos deixa e se esvahe;
Só os nossos beneficios
Sobre nossa alma recahem!

FIM

INDICE

I. — Deos.....	1	XXIV. — O polvilho.....	35
II. — O bom pai.....	3	XXV. — O linho.....	37
III. — O irmão e a irmã.	5	XXVI. — O thesouro.....	39
IV. — O bom tempo.....	7	XXVII. — O marco	41
V. — A chuva.....	8	XXVIII. — A parreira.....	42
VI. — O arco-iris.....	10	XXIX. — As lentilhas... .	43
VII. — O écho.....	11	XXX. — A parreira	44
VIII. — A fonte.....	13	XXXI. — As aves.....	45
IX. — As fiores..	15	XXXII. — O canario.....	46
X. — As maçãs.....	17	XXXIII. — O estorninho.	48
XI. — A pera.....	18	XXXIV. — O gallo.....	49
XII. — A noz.....	19	XXXV. — A gallinha....	50
XIII. — A casca da noz..	21	XXXVI. — O ninho.....	51
XIV. — A pereira	22	XXXVII. — As abelhas... .	52
XV. — A planta preciosa.	23	XXXVIII — As moscas e	
XVI. — O nabo.....	24	as aranhas.	53
XVII. — A couve.	26	XXXIX. — O grande peixe.	55
XVIII. — Os cogumelos..	27	XL. — O cãozinho.....	56
XIX. — A abobora e a bo		XLI. — As ovelhas.....	57
lota.....	28	XLII. — O cavallo roubado	60
XX. — O carvalho e o sal-		XLIII — O bol.	62
guelro.....	30	XLIV. — O asno.....	64
XXI. — O carvalho.....	31	XLV. — O macho.....	65
XXII. — O campo.....	33	XLVI. — O macaco.....	67
XXIII. — As espigas....	34	XLVII. — O urso.....	68

XLVIII. — O lobo.....	70	LXXVIII. — O príncipe piedoso.....	114
XLIX. — O leão.....	72	LXXIX. — O pastor piedoso	116
L. — O ouro.....	74	LXXX. — O pequeno cea- teiro.....	118
LI. — As perolas.....	75	LXXXI. — Os pequenos bateleiros.....	120
LII. — As pedras preciosas	77	LXXXII. — O cego.....	122
LIII. — Os seixos.....	79	LXXXIII. — Os dous via- jantes.....	124
LIV. — A pedra.....	80	LXXXIV. — O carvoeiro e o lavadouro.....	125
LV. — O sacco de terra..	81	LXXXV. — O moleiro e o asno.....	126
LVI. — A gulata.....	83	LXXXVI. — O caçador e seu cão.....	128
LVII. — A muralha ma- ravilhosa.....	84	LXXXVII. — A orgulhosa.	129
LVIII. — O pão.....	86	LXXXVIII. — A mendiga.	131
LIX. — O pedaço de carne	88	LXXXIX. — O ladrão de porco.....	133
LX. — Os temp.ros.....	90	XC. — Os tres ladrões... 134	
LXI. — O maujar extraor- dinario.....	91	XCI. — O anthropophago	135
LXII. — A ferradura....	92	XCII. — O charlatão....	137
LXIII. — O p.ingo.....	93	XCIII. — O descobridor de th.ouro.....	139
LXIV. — O anzol de ouro	95	XCIV. — O espectro....	141
LXV. — A fruta.....	95	XCV. — O peregrino....	142
LXVI. — O alforge.	97	XCVI. — O eremita.....	144
LXVII. — As sete bengalas	98	XCVII. — Uma pessoa en- terrada viva.....	145
LXVIII. — O espelho....	99	XCVIII. — A herança... 146	
LXIX. — O retrato.....	100	XCIX. — O sorriso do mo- ribundo.....	147
LXX. — O mais bello or- namento.....	102	C. — Os amigos depols da morte.....	149
LXXI. — A boceta de ouro	103		
LXXII. — O relógio de prata	105		
LXXIII. — A bolsa.....	106		
LXXIV. — O escudo....	109		
LXXV. — A mãe piedosa e seus dous filhos....	110		
LXXVI. — As lagartas... 112			
LXXVII. — A caixinha maravilhosa....	113		



